FIEG

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Ano 59
244
Fevereiro 2012

COM OS PÉS NA REALIDADE

Pesquisas, levantamentos de mercado e dados estruturados sustentam planos e projetos do Sistema Fieg, tornando sua execução mais eficiente

ENTREVISTA

O nervosismo que marcará o mercado internacional de commodities agrícolas em 2012 não deverá impedir que o agronegócio registre mais um ano de resultados positivos

Sesi

NOVAS TECNOLOGIAS DESEMBARCAM NAS SALAS DE AULA EM ANÁPOLIS

Senai

EMBALAGENS, SORVETES E MÓVEIS COM A MARCA DA INOVAÇÃO

Sistema Fieg/Ascom

São tantas citações que em breve talvez saia um livro

O presidente da Unidade de Negócios Níquel da Anglo American,Walter De Simoni, diz...

"...que 70% dos 800 empregos diretos gerados pela mina são da própria região de Barro Alto, mão de obra que foi qualificada com apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

O que o SENAI faz, a população vê e a indústria mostra.

O SENAI é o maior centro de capacitação profissional para a indústria no Estado de Goiás. Há 60 anos prepara pessoas para colaborar com o desenvolvimento e o avanço tecnológico do setor industrial. Assim, o SENAI, a indústria e o trabalhador crescem.

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL

FIEG SENAI

"Fieg, Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil têm como ponto de partida para o planejamento de suas ações informações levantadas por pesquisas, que orientam projetos e contribuem para que as metas sejam alcançadas ."

Pedro Alves de Oliveira
Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)

SEIS DÉCADAS DE SUCESSO, DE OLHO NO FUTURO

Não por acaso em Anápolis, nascia, em 9 de março de 1952, a Escola Senai GO 1 (atual Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange), embrião da Fieg, criada em abril do mesmo ano sob a batuta de pioneiros, homens visionários, que anteviam o futuro para a industrialização de Goiás, em meio, então, a processos incipientes, porém promissores. Ao completar seis décadas de atuação, tanto a Fieg quanto o Senai têm muito a comemorar, pois edificaram histórias de sucesso, ao lado das demais instituições que formam o Sistema Indústria em Goiás – Sesi, IEL e ICQ Brasil –, bem como dos sindicatos e de empresas parceiras, seus clientes-alvo. Nacionalmente, a credibilidade do Senai o fez merecedor da confiança da presidente Dilma Rousseff para execução de boa parte do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), com o compromisso de dobrar o número de matrículas na educação profissional, passando a 4 milhões por ano até 2014. Por aqui, números preliminares dos resultados do Senai e do Sesi Goiás em 2011 apontam avanço no número de matrículas e no índice de participação de trabalhadores da indústria e seus dependentes nas diversas atividades.

Se, na década de 50, não haviam pesquisas estruturadas e dados atualizados para servir de timoneiro, ainda assim estudos preliminares prospectavam, mesmo precariamente, o futuro potencial de industrialização, que acabou se confirmando. A vocação industrial desde o início serviu de guia e Anápolis forma, hoje, um dos principais eixos de desenvolvimento de Goiás, com diversificada expansão de seu Distrito Agroindustrial (Daia), sediando desde forte polo farmoquímico a montadora de automóveis.

Anápolis é, assim, o berço da história do Sistema Fieg, que cada vez mais se consolida como braço forte, parceiro de vanguarda de indústrias que apostam na inovação, na capacidade empreendedora, no dinamismo, para mostrar força no cenário nacional, com importância crescente, números e índices de desempenho bem superiores à média nacional. Tudo isso, sustentado por um sistema que hoje – vislumbrando o futuro – não se baseia no empirismo, tampouco na intuição.

Fieg, Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, cada um em seus respectivos campos de atuação, têm como ponto de partida para o planejamento de suas ações informações levantadas por pesquisas, que orientam projetos e contribuem para que as metas sejam alcançadas. É esse o assunto principal desta edição da revista **Goiás Industrial**, que a propósito de resgate histórico, entra em 2012 em seu 59º ano de circulação ininterrupta como veículo oficial do Sistema Indústria em Goiás.

E tem muito mais: ampla reportagem prevê que, a despeito das turbulências provocadas pela crise financeira internacional, a economia goiana segue, em 2012, como porto seguro, afastando risco de retração. Mineração, metalurgia básica, indústria química, construção e agronegócio deverão manter a produção em alta.

Com seu crescimento virtuoso, Goiás contribui com o desenvolvimento do País, que avança a passos largos, como atesta a classificação como sexta economia do Planeta, superando a Inglaterra no ranking mundial.

índice>>

CAPA

26 A definição de diretrizes e a tomada de decisões pelo Sistema Fieg têm sempre como base dados concretos, apurados a partir de pesquisas estruturadas que sugerem caminhos e indicam soluções adequadas à realidade do mercado. Esse processo agrega eficiência aos projetos e ações desenvolvidos pela instituição, contribuindo para que as metas propostas sejam alcançadas.

ENTREVISTA

8 O economista Alexandre Lahóz Mendonça de Barros prevê um ano de bons resultados para o setor agrícola, a despeito da intranquilidade no mercado internacional. Mas a colheita não deverá ser tão positiva como em 2011.

SESI GOIÁS

12 Alunos do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) assumem a necessidade de aprender a lidar com novas tecnologias – uma exigência do mercado – e enfrentam em sala de aula o desafio da inclusão no mundo digital, estimulados pela unidade Sesi Jaiara, de Anápolis.

SENAI GOIÁS

14 Uma coleção de produtos inovadores sai do "forno" e ganha o mercado graças aos recursos do Edital Senai Sesi de Inovação – iniciativa que oferece a empresas de todo o País suporte técnico e financeiro para elaboração de projetos de inovação tecnológica e social. Com 19 projetos e processos já aprovados, Goiás destaca-se na disseminação da cultura inovadora.

IEL GOIÁS

19 Processos desenvolvidos por estagiários revolucionam a produção em indústrias de pequeno, médio e grande porte e conquistam a primeira colocação no Prêmio IEL de Estágio.

ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

22 Cumprida a primeira etapa no desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL) de artesanato mineral de Cristalina, iniciada em 2005, artesãos da cidade entram na segunda fase do programa, focada no aprimoramento do trabalho artesanal, incluindo cursos de design e vários outros.

PERSPECTIVAS

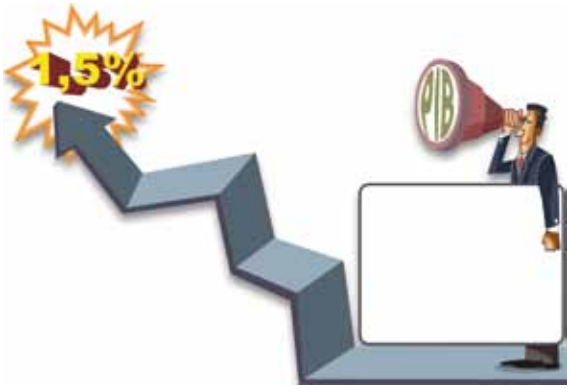
34 Afinal, de que forma a economia goiana será afetada pela crise financeira que abala as maiores economias do planeta? O ano não deverá ser empolgante, nesta área, mas nada indica que será uma fase de retração. Pelo contrário, as previsões sugerem a preservação do crescimento.

FÓRUM CENTRO-OESTE

40 Numa iniciativa liderada pela Fieg, o Fórum das Entidades do Setor Produtivo do Centro-Oeste consolida-se como espaço institucional para debate de temas relevantes para a economia em geral e para a indústria regional em particular, com poder para influir nas decisões que interessam ao setor.

INCENTIVOS FISCAIS

43 Estudo da FGV Projetos, encomendado pela Fieg, mostra que o impacto dos incentivos sobre a economia brasileira pode ser considerado mais significativo do que os reflexos locais. A eliminação desses benefícios poderia causar perdas equivalentes a 1,52% do Produto Interno Bruto (PIB).



ICQ BRASIL

44 A implantação de sistemas integrados de gestão, devidamente certificados, contribui para reforçar a competitividade das empresas, como demonstra o salto observado pela mineira Egesa, um dos clientes do ICQ Brasil.

expediente>>

GOIÁSINDUSTRIAL

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho

Subeditor
Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Jávier Godinho, Nathalya Toaliari e Janaina Staciarini e Corrêa

Colaboração
Welington da Silva Vieira

Fotografia:
Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações
Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico
Wesley Cesar

Diagramação e produção
Clarim Comunicação e Marketing
Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista
(62) 3242-9095
www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade
Valéria Aquino
(62) 9242-1377 e 8113-3148
valeriaraquino@gmail.com

Fotolito e impressão
Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:
Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544,
Ed. Albano Franco,
Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:
www.sistemafieg.org.br

E-mail
fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:
Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange,
nº 239-A, Bairro Jundiaí,
CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:
nureaps@sistemafieg.org.br

SESI
Serviço Social da Indústria
Diretor Regional:
Pedro Alves de Oliveira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL
Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL
Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro
Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente
Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente
Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente
Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente
Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário
Marley Antônio da Rocha

2º Secretário
Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro
André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro
Hélio Naves

Diretores
Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira
Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Osvaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal
Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI
Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de Representantes junto à Fieg
Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alyson José Nogueira
Álvaro Otávio Dantas Maia
Annanias Justino Jaime
Antônio Alves de Deus
Aurelino Antônio dos Santos
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo Gonçalves
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Francisco Gonzaga Pontes
Gilberto Martins da Costa
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hermínio Ometto Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Jaime Canedo
Jair Rizzi
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Batista Júnior
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Romualdo Maranhão
José Vieira Gomide Júnior
Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Silvestre Álvares da Silva
Marley Antônio Rocha
Marcelo José Carneiro
Nilton Pinheiro de Melo
Orizomar Araújo de Siqueira
Pedro Alves de Oliveira
Pedro Daniel Bittar
Pedro de Souza Cunha Júnior
Pedro Silvério Pereira
Plínio Boechat Lopes
Ricardo Araújo Moura
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Rodolfo Luis Xavier Vergílio
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente
Melchíades da Cunha Neto
Vice-Presidente
Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente
Henrique W. Morg de Andrade
Vice-Presidente
Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente
Célio de Oliveira
Vice-Presidente
Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária
Presidente
Eduardo Zuppani
Vice-Presidente
José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente
Orizomar Araújo de Siqueira
Vice-Presidente
Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente
Leopoldo Moreira Neto
Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente
Antônio de Sousa Almeida
Vice-Presidente
Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente
Igor Montenegro
Vice-Presidente
Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente
Emílio Bittar
Vice-Presidente
José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente
André Lavor Pagels Barbosa
Vice-Presidente
Thomaz Antônio Pompeo de Pina

Rede Metrológica Goiás
Presidente
Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração
Presidente
José Antônio Vitti
Vice-Presidente
Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG
Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG
Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO
Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN
Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFÉ
Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO
Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF
Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA
Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE
Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE
Sindicato das Indústrias de Carne e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIMELGO
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO
Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME
Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO
Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE
Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS
Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO
Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG
Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO
Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO
Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO
Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 325I-3691- siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR
Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG
Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO
Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591

SINROUPAS
Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO
Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiaí, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
fieg.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

SIAA
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Valdenício Rodrigues de Andrade

SICMA
Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO
Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER
Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA
Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

AGRONEGÓCIO DRIBLA A CRISE

Lauro Veiga Filho

Tradicionalmente marcado por oscilações, o mercado de commodities agrícolas deverá experimentar neste ano um período de nervosismo ainda mais exacerbado, por conta da crise na Europa e do comportamento dos fundos de investimento e especuladores em geral. A opinião é do consultor Alexandre Lahóz Mendonça de Barros, da MB Agro, em entrevista após apresentação realizada na sede da Fieg, numa promoção do Conselho Temático do Agronegócio da entidade. A despeito do clima incerto, 2012 ainda deverá ser um ano positivo para o agronegócio, com destaque para o setor de proteína animal, favorecido pelos custos mais baixos das matérias-primas, espera Barros.

Goiás Industrial – Quais são os cenários desenhados para o agronegócio em 2012?
Alexandre Mendonça de Barros – Acredito que 2012 promete ser um ano bom, mas provavelmente não tão bom como 2011. A renda agrícola deve seguir boa. Sentimos no fim de 2011 uma queda razoável dos preços em dólares em praticamente todas as commodities. A principal motivação dessa queda foi a saída dos fundos de investimentos dos mercados agrícolas. Até setembro, vimos uma posição dos fundos em níveis recordes e, daí em diante, nota-se que os fundos saíram rapidamente desses mercados.

Goiás Industrial – O que explica essa saída dos fundos?
Mendonça de Barros – Em minha opinião, a principal razão está nesse cheiro no ar de uma crise financeira mais séria, vindo especialmente da Europa. Já é possível notar, com alguns efeitos inclusive no Brasil, que o medo da falta de crédito que assola os países da União Europeia está contaminando os mercados financeiros. Evidentemente, vira uma máxima para toda empresa, todo banco, todo sistema financeiro preservar caixa de qualquer forma. Investidores

institucionais, hedge funds, os donos do dinheiro, especialmente na Europa, mas também nos Estados Unidos, estão chamando capital, represando essa liquidez com medo de que se repita 2008, quando houve um colapso no crédito. O que se observou foi um desmanche muito forte nas posições dos fundos e com ele uma queda razoável dos preços em dólares das commodities.

Goiás Industrial – Como isso se reflete no País?

Mendonça de Barros – No caso do Brasil, a queda em dólares das commodities foi parcialmente compensada pela desvalorização do real. Até setembro, a cotação do dólar em real estava caminhando para R$ 1,60, embicando para R$ 1,55, despertando preocupação em alguns setores. De repetente, começamos a ver o dólar na faixa de R$ 1,80 e até R$ 1,90. Houve uma compensação, não foi total, mas boa, e a renda do campo em real foi preservada por essa desvalorização. Essa tendência tem sido verificada nos últimos quatro anos. A agricultura brasileira, de um modo geral, sofreu muito menos as oscilações dos preços em dólar do que em outros países.

Goiás Industrial – O que esses movimentos indicam para 2012?

Mendonça de Barros – Isso sugere que deverá ser um ano de renda agrícola mais ou menos estável por conta da taxa de câmbio, que vai compensar a queda na cotação em dólar das commodities. A pergunta revelante que fica é a seguinte: será que os fundos não vão retornar aos mercados agrícolas?

Goiás Industrial – Qual a opinião do senhor?

Mendonça de Barros – Acredito que existe uma chance efetiva para que isso ocorra. O que temos de ter em mente, nós brasileiros, é a seguinte questão: o volume de dinheiro no mundo continuará muito grande, a taxa de juros muito baixa. A Europa acabou de reduzir os juros e os Estados Unidos decidiram mantê-los ainda muito baixos. Vamos ver uma liquidez no mundo muito elevada. Se a desconfiança do crédito, o medo de uma crise financeira passar, não tenho dúvida de que os fundos voltarão a comprar commodities e que voltaremos a ver a soja sair de 11 dólares em direção aos 13 dólares por bushel; veremos o milho passar de 6 a 5,5 dólares, que o mercado está projetando, para subir de volta para os 6,5 a 7 dólares. O que é preciso para que isso aconteça? Em primeiro lugar, que a economia europeia não se arrebente, que se consiga dar solução minimamente razoável para a Europa.

Goiás Industrial – Quais as chances de que isso ocorra?

Mendonça de Barros – Acredito que, nos próximos meses, dificilmente veremos uma solução definitiva. O que chamo de próximos meses? Por favor, estamos aqui ousando muito porque estamos sobre um fio de navalha que impede qualquer um de fazer previsões. Conseguimos construir cenários e atribuir a eles certa probabilidade. Parece altamente provável que até a colheita da nossa safra não estará solucionado o drama europeu, porque esse processo vai demorar mais tempo. A tendência é de um primeiro trimestre muito nervoso até que as coisas comecem minimamente a se equacionar. Não vejo possibilidade de grandes mudanças nos fundamentos dos mercados futuros e nos preços das commodities na Bolsa de Chicago em função disso. Vamos depender da taxa de câmbio para dar um pouco mais de alívio à renda interna. Caso o dólar fique acima de R$ 1,80, ótimo. Será possível garantir preços razoavelmente bons. Se o real sofrer valorização novamente, começaremos a ver um pouco mais de perda de renda (para o campo). Reforçando, o ano de 2012 não será tão bom quanto 2011, mas seguirá sendo um período de boa rentabilidade para a agricultura em geral.

"O que se observou foi um desmanche muito forte nas posições dos fundos e com ele uma queda razoável dos preços em dólares das *commodities*"

Goiás Industrial – Quais setores tendem a ser bem-sucedidos e quais os que devem ser perdedores este ano?
Mendonça de Barros – De fato, não se pode generalizar essa tendência. No setor de etanol, diante da escassez de oferta que tivemos em 2011 e provavelmente teremos este ano, o álcool atravessará 2012 com preços muito bons. Eu diria até com preços melhores do que vimos em 2011, na média. Portanto, o setor alcooleiro deve estar entre os ganhadores. Acredito, ainda, que veremos uma redução razoável no preço do milho, e isso já está ocorrendo. Por outro lado, a cadeia de proteína animal tende a se beneficiar de um milho mais barato. Então, frango, suínos, confinamento de bovinos deverão apresentar margens melhores diante da redução de preços dessa cultura.

Goiás Industrial – O que se pode esperar para o setor sucroalcooleiro?
Mendonça de Barros – O setor vem de uma crise financeira que só começou a aliviar neste ano. Os canaviais estão muito envelhecidos e isso não tem como ser reposto no curto prazo, ao contrário. Vamos ver uma reforma muito grande de áreas de cana e isso rouba produção. Toda vez que eu reformo a área não colho naquele ano. Um dos fundamentos do porquê de a safra de cana não crescer tanto em 2012 está justamente no fato de termos uma área de reforma de canaviais muito grande prevista para o início do ano. Vai estar acima do normal nos anos anteriores, situando-se em torno de 18% a 19%, o que ainda é baixo perto dos 20% a 25% que seriam necessários. Mas é o que acreditamos que seja possível para o setor. As áreas de reforma estavam em torno de 11% a 12% na região Centro Sul por falta de capital nos anos anteriores. Em 2011, a reforma não foi mais ampla por falta de clima e de condições de plantio efetivo. A chuva atrasou muito, num primeiro momento, depois, em abril, choveu bastante e as empresas não conseguiram fazer frente a essa transformação. Devemos provavelmente ter uma safra de cana novamente pequena. Isso tem um lado ruim, porque diminuiu a receita em função da produção menor. Mas, de outra parte, garante que os preços do álcool fiquem relativamente altos. O preço do açúcar, dado que o Brasil é o maior produtor e o maior exportador, também fica na dependência da oferta nova do produto no mercado internacional. A tendência do setor sucroalcooleiro é ter preço relativamente bom tanto para o açúcar, quanto para o álcool.

"Os canaviais estão muito envelhecidos e isso não tem como ser reposto no curto prazo, ao contrário. Vamos ver uma reforma muito grande de áreas de cana neste ano e isso rouba produção"

Goiás Industrial – Há projeções para o valor bruto da produção e a renda líquida da agropecuária em 2012?
Mendonça de Barros – Ainda não fizemos o cálculo agregado para o ano todo. Mas a renda deve ficar entre 5% e 10% menor. Ainda seria um resultado positivo. Os custos subiram bastante entre o primeiro e o segundo semestre de 2011. Se esses custos se mantiverem para 2012, teremos perda de renda, seja porque a renda cai um pouco, seja porque o custo médio possa ser mais alto. O ano passado foi um período de muita antecipação de compras. Muitos produtores conseguiram comprar insumos no primeiro semestre a custos muito melhores. O custo médio de 2012 provavelmente será superior ao de 2011, então as margens devem estar um pouco mais comprimidas no geral.

Goiás Industrial – Quais setores deverão estar em melhor posição?
Mendonça de Barros – As cadeias de proteína animal tiveram, em 2011, dificuldade muito grande em função dos altíssimos preços do milho e da soja e acredito que deverão ter uma folga. Embora a receita bruta do setor de carnes tenha sido alta em 2011, a líquida não foi. Para 2012, o setor deverá ter receita bruta ainda elevada e uma líquida melhor. As margens do setor tendem a ser melhores. Os preços do boi devem atravessar 2012 ao redor de R$ 100 por arroba, tendo como referência a praça de São

Paulo. Isso dá suporte para preços melhores de frango e de suíno – melhores pelo menos do que os preços vistos em 2011. Faço uma ressalva nesse raciocínio. O setor de aves, em especial, trabalhou de forma muito acelerada no fim do ano. Não me assustaria se houvesse alguma acomodação no começo de 2012, porque a oferta está exagerada. Estamos registrando recordes de alojamento e isso evidentemente vai virar carne e chegar ao mercado.

Goiás Industrial – Como o senhor lembrou, houve um volume maior de antecipação de compras e também um movimento mais forte de venda antecipada de safra. Esse movimento ficou muito acima de anos anteriores?
Mendonça de Barros – Houve de fato muita antecipação, mas também muita compra à vista. A operação tradicional de travamento de preços, envolvendo a troca de insumos por produto, existiu, mas vem diminuindo no tempo. O produtor está com dinheiro e tem podido fazer a trava (de preços) de maneira diferente. Ele vendeu bem a safra, está com caixa e compra quando achar mais adequado. Muitos compraram fertilizantes para o plantio na safra 2011-12 no começo de 2011 e até no ano anterior. Tem ocorrido troca, mas tem havido maior oferta de produtos financeiros, como trava de câmbio, com os bancos oferecendo alternativas, e o produtor dispõe também de maior capacidade de compra à vista. Temos um cenário em que o produtor pode escolher o momento de comprar insumo, o que é um pouco diferente do passado, quando havia uma dependência maior do financiamento do setor privado e o produtor precisava fazer muito mais troca.

Goiás Industrial – De que forma mudou a composição do financiamento no campo?
Mendonça de Barros – Historicamente, tínhamos a visão de que um terço da necessidade de recursos era financiado com capital próprio, um terço vinha do crédito rural e o terço final do setor privado. No último ano, acredito que algo entre 50% e 55% deve ter sido bancado pelo capital do próprio produtor. A participação do crédito rural oficial cresceu também e o setor privado, relativamente, está encolhendo para algo, possivelmente, em torno de 20%.

"As cadeias de proteína animal tiveram, em 2011, uma dificuldade muito grande em função dos altíssimos preços do milho e da soja e acredito que deverão ter uma folga"

Goiás Industrial – Essa nova composição dará ao produtor oportunidade para negociar melhor a produção.
Mendonça de Barros – A situação é muito melhor. Na medida em que aumenta o caixa, se não há expansão de área, como na safra em curso, o produtor não está torrando o caixa na compra de terra cara. Ele está preservando um pouco mais esse caixa, o que lhe permite levar adiante negociações muito mais tranquilas. Os dados do Imea sugerem que, em novembro, 55% ou 60% da safra de soja já haviam sido comercializados de forma antecipada. Em Goiás, os números indicavam a venda de 40% da safra dessa cultura. Na visão nossa, no passado, esses números eram um pouco maiores, o que sugere um cenário de maior capitalização do setor.

TECNOLOGIA NA SALA DE AULA

Alunos da unidade de Jaiara, em Anápolis, aprendem a lidar com novos recursos tecnológicos, preparando-se para entrar num mercado a cada dia mais exigente

Daniela Ribeiro, de Anápolis

Como parte do esforço para oferecer ensino cada vez mais atualizado e mostrar que a educação não se restringe à sala de aula, o Sesi Jaiara, de Anápolis, constantemente estimula seus alunos a ter contato com experiências inovadoras, meios de comunicação e recursos tecnológicos, cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e no mundo do trabalho.

A estratégia atende à busca de posicionamento de vanguarda das unidades de ensino da instituição, diante da necessidade da indústria de contar com profissionais mais bem preparados para o exercício de funções que exigem domínio de novas tecnologias e para a adoção da inovação nos processos de gestão e produção.

Adão Torres Pinheiro: operador produziu roteiro e apresentou cerimônia de premiação

No âmbito do projeto EcoEJA, alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – alguns deles trabalhadores da indústria e muitos excluídos tanto da escola quanto do mundo digital por diferentes motivos de ordem social, econômica e cultural – foram desafiados em sala de aula a experiência de inclusão digital: aprender a produzir e editar vídeos, especificamente abordando os temas sustentabilidade e preservação do meio ambiente. A iniciativa contabiliza a façanha adicional de ter contribuído para reduzir um dos principais problemas da EJA: a evasão escolar. Em seis meses, a desistência caiu 12%.

O objetivo do projeto não era, obviamente, que todos os alunos saíssem da escola sabendo produzir vídeos, mas sim que eles tivessem noção de como fazer isso e também se aproximassem das tecnologias utilizadas na produção. Segundo o idealizador, professor Samuel Soares de Castro, a iniciativa deu certo.

APRENDENDO A FAZER

Cerca de 400 alunos participaram da produção de 12 animações. Desde roteiro, cenário, montagem e edição do vídeo, tudo foi realizado na sala de aula, com pesquisa, consulta e operacionalização por meio de computadores e outros recursos tecnológicos. No final, o material produzido foi apresentado em uma noite especial de premiação.

No aspecto do ensino-aprendizagem, a experiência do Sesi Jaiara também é promissora. Embora referentes a universo diferente da geração dos excluídos digitais, dados da pesquisa Novos Talentos, da consultoria LAB SSJ, revelam que 92,2% dos jovens da chamada geração Y – aquela que nasceu e cresceu em meio às tecnologias digitais e já está trabalhando –, dizem aprender mais facilmente por meio de tecnologia; 88,2%, com foco na prática; 83,9%, por meio da experiência e 66,4%, com a utilização de networks, de forma colaborativa.

DE OPERADOR DE MÁQUINA A MESTRE DE CERIMÔNIA

Um dos alunos, Adão Torres Pinheiro, de 35 anos, trabalha seis horas por dia operando uma máquina de sopro na Tetrapet Embalagens, de Anápolis. O trabalhador da indústria diz que jamais imaginou que um dia pudesse produzir roteiro para vídeo. "Quando o professor falou o que seria o projeto previ dificuldades, pois ninguém nunca tinha feito nada parecido, mas no final o resultado foi satisfatório", avalia.

Com a responsabilidade pela produção do roteiro de um dos vídeos, ele precisou fazer várias pesquisas para realizar o trabalho. A timidez do operador de máquina chamou atenção dos colegas de sala, que, paradoxal e propositadamente, o elegeram para mestre de cerimônia da noite de premiação. Um desafio e tanto. "Quando me falaram fiquei uns quatro dias sem acreditar. Depois, achei que poderia ser bom para mim", conta. Adão Torres se superou e surpreendeu até os familiares. "Minha mãe disse que não me reconheceu falando para 500 pessoas", brinca ele.

A produção dos vídeos motivou os alunos que há tempos estavam fora da escola e muitos que nunca haviam tido contato com tecnologias. Apesar de os vídeos não serem profissionais, a produção deu muito trabalho aos estudantes. Em um dos trabalhos, para produzir apenas uma peça, foi necessário tirar mais de 8 mil fotos. Também foram utilizados cenários produzidos com biscuit, isopor, materiais reciclados, entre outros.

Kleber Mendes Lopes, de 19 anos, do 1ª ano do ensino fundamental, passou madrugadas acordado aprendendo a mexer no programa utilizado para editar os vídeos. Ele diz que nunca havia realizado nada parecido, mas aprendeu a manusear o software pesquisando na internet. "Gostei muito de tudo que aprendi. Não só pelo que aprendemos a fazer, mas também por poder passar para a comunidade a importância de se preservar o meio ambiente."

Kleber Mendes Lopes: madrugadas acordado para aprender a operar o software

TRINTA ANOS DEPOIS...

Gilmar Zacarias de Moraes, de 46 anos, está no Sesi por meio de parceria que a escola mantém com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Há quatro anos, ele sofreu um acidente de trabalho e precisou parar de trabalhar. Afastado das salas de aulas há 30 anos, ele voltou a cursar a 7ª série do ensino fundamental.

Reabilitado dos problemas físicos que teve por conta do acidente, Gilmar encara o EcoEJA como uma forma de estar mais preparado para voltar ao mercado de trabalho. "Eu não tinha intimidade nenhuma com computadores. No início, levei um susto, mas depois foi muito interessante e senti que fiquei mais confiante", afirma ele, que diz que tentará fazer vídeos também em casa.

"Eu não tinha intimidade nenhuma com computadores. No início, levei um susto, mas depois foi muito interessante e senti que fiquei mais confiante"

Gilmar Zacarias de Moraes, *aluno do EcoEJA*

BOAS IDEIAS, NOVOS NEGÓCIOS

Edital Senai Sesi de Inovação oferece às empresas soluções tecnológicas para ampliar portfólio de produtos e aumentar a competitividade dos empreendimentos

Andelaide Lima

Água mineral em embalagens para crianças, cozinhas planejadas construídas com madeira de bambu, sorvete de baru e barra de salada de frutas desidratadas com granola. Desenvolvidos por empresas goianas, esses novos produtos conquistaram espaço no mercado graças ao Edital Senai Sesi de Inovação – iniciativa de âmbito nacional que oferece suporte técnico e financeiro para elaboração de projetos de inovação tecnológica e social. Implantado em 2004, o programa já aprovou mais de 200 projetos no País. Em 2011, os recursos do edital somaram mais de R$ 23 milhões, incluindo a contrapartida das empresas e parceiros, além de bolsas concedidas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Com mais de 19 projetos e processos aprovados desde a implantação do edital, Goiás tem se destacado como disseminador da cultura da inovação nas indústrias e colecionado bons exemplos de sucesso no apoio à pesquisa aplicada. Um desses cases mais recente é a barra de salada de frutas desidratadas com granola. Elaborado pela empresa Musa Sabor&Saúde, em parceria com a Escola Senai Vila Canaã, de Goiânia, o produto foi lançado em dezembro.

Alimento funcional: barra é composta por frutas desidratadas e recheio de granola

UMA FILA DE CLIENTES

De olho em um nicho de mercado que busca praticidade aliada a alimentos benéficos à saúde, a barra apresenta, em 80% da sua composição, frutas desidratadas e recheio de granola (grãos de soja tostados e semente de linhaça), com alto teor de fibras, rica em sais minerais, sem adição de açúcar e de glúten. Na corrida contra o tempo para atender aos pedidos de compra do mais novo produto da empresa, Elisabete Regina Schuber Travaglia, proprietária da Musa Sabor&Saúde, conta que se surpreendeu com o rápido sucesso de vendas da barra de salada de frutas. "Antes mesmo do lançamento oficial, as pessoas já nos procuravam querendo saber quando o produto estaria no mercado. Temos listas com pedidos de clientes e vamos precisar aumentar nosso pessoal de vendas, estou meio desesperada", brinca.

Animada com a rápida aceitação do produto no mercado, a empresária destaca a importância da parceria com o Senai. "A campanha de marketing em outdoors e busdoors foi excelente na divulgação do produto, mas o nome e a credibilidade do Senai foram fundamentais para o sucesso. O apoio da instituição, em todos os aspectos, tornou possível nosso ideal de levar à população um estilo de vida mais saudável e equilibrado, além de aumentar a competitividade da empresa. Pretendemos dar continuidade à parceria com o Senai para criação de novos produtos, por meio do edital de inovação", planeja.

"Antes mesmo do lançamento oficial, as pessoas já nos procuravam querendo saber quando o produto estaria no mercado"

Elisabete Regina Schuber Travaglia, *proprietária da Musa Sabor&Saúde*

ANÁLISES LABORATORIAIS

Com mais de 11 tipos de produtos em seu portfólio, a Musa Sabor & Saúde comercializa em supermercados, empórios e academias de Goiânia, mas já faz planos para alcançar outras regiões do Brasil. "Já fomos procurados por um representante de vendas de Pernambuco interessado em comercializar a barra de salada de frutas desidratadas com granola. O produto abrirá novos mercados consumidores para a nossa empresa", acredita Elisabete.

Para desenvolver a barra, a indústria contou com a consultoria dos técnicos da Escola Senai Vila Canaã em todas as etapas do processo, desde a formulação do produto até a fabricação, passando pela supervisão e validação do design da embalagem, criado pela agência Rsbranding. Além disso, foram realizadas análises laboratoriais e sensoriais no Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), instituição referência na área, em São Paulo.

PÚBLICO INFANTIL E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Os exemplos de sucesso da utilização do edital de inovação se multiplicam em outros setores produtivos. É o caso da água mineral em embalagens para crianças idealizada pela Pura Água, indústria localizada no município de Bela Vista de Goiás, também em parceria com a Escola Senai Vila Canaã. Desenvolvida com recursos do Edital Senai Sesi de Inovação 2009, a nova linha de produtos da empresa foi lançada no ano passado e conta com recipientes diferenciados e em quantidades ideais para consumo de crianças de 6 meses a 2 anos (Baby) e de 5 a 10 anos (Kids).

"Participei de um congresso sobre inovação tecnológica e fiquei interessada em criar algo diferenciado, mas não tínhamos tecnologia e nem recursos para tanto. O Senai nos deu total condição e apoio para desenvolver as embalagens, com pouca contrapartida da empresa", conta a empresária Cleuza Maria Marcório, proprietária da Pura Água.

Nova linha de produtos da Pura Água: direcionada para o público infantil

Os impactos positivos da inovação tecnológica também alcançam as empresas que se preocupam em trabalhar de maneira sustentável. Resistente e ecologicamente correto, o bambu é a matéria-prima utilizada pela Embambu, empresa de Senador Canedo, para fabricação de cozinhas planejadas residenciais – projeto elaborado em parceria com a Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, referência em qualificação profissional e assessoria técnica para o segmento moveleiro.

"O Senai nos deu total condição e apoio para desenvolver as embalagens"

Cleuza Marcório, *da Pura Água*

PRODUTO DIFERENCIADO

Cozinha planejada: bambu substitui com vantagens matéria-prima convencional

A demanda para elaboração do projeto partiu da Embambu, que, para entrar no mercado de móveis para cozinhas, precisava de um produto diferenciado para se destacar. "Buscamos parceria com o Senai porque queríamos dar uma aplicação prática para as chapas de bambu", explica o empresário Roberto Magno, proprietário da empresa. O projeto também foi viabilizado com recursos do Edital Senai Sesi de Inovação 2009.

Localizada no Distrito Agroindustrial de Senador Canedo, na Região Metropolitana de Goiânia, a Embambu atua há quatro anos com plantio e cultivo do bambu para fabricação de caixas, luminárias e acessórios para escritório, copa/cozinha e jardins. A empresa produz e comercializa uma linha de produtos que incorpora a preocupação com o meio ambiente. As peças são biodegradáveis e confeccionadas por artesãos, contribuindo para a geração de renda no município e, principalmente, no campo, onde são cultivadas as mudas de bambu.

DA MINERAÇÃO À SAÚDE DO TRABALHADOR

Na edição 2011 do edital de inovação, Sesi e Senai Goiás tiveram seis projetos aprovados. As pesquisas vão da área de mineração a programas de prevenção às drogas e acidentes com motocicletas e deverão ser executadas até o fim de 2012. A partir de março, as empresas interessadas em participar da próxima edição do edital podem apresentar propostas para concorrer a financiamento da iniciativa, destinada ao desenvolvimento de pesquisas de produtos e processos industriais e de inovação social.

Projetos goianos aprovados em 2011>>

Projeto	Instituição	Empresa
• Desenvolvimento do programa de mobilização das famílias industriárias sobre as drogas	Sesi	Alplastic
• Influência dos diferentes tipos de minérios para produção de Ferro Níquel e o uso de aditivos no processo Rotary Kilns – Eletric Furnaces	Senai	Anglo American
• Pesquisa para utilização da escória de ferro níquel nas áreas de construção civil e agricultura	Senai	Anglo American
• Programa de prevenção de acidentes com motocicletas nas indústrias	Sesi	Laboratório Teuto
• Implantação do modelo ergonômico para o setor da indústria da construção civil	Sesi	Pontal Engenharia
• Desenvolvimento e validação de método para determinação dos metálicos reduzidos em minério laterítico de níquel, cobalto, cobre e ferro	Senai	Votorantim Metais

SENAI GOIÁS GANHA PRÊMIO DE INOVAÇÃO

Com o projeto Programa de Excelência Domínio Danone, a engenheira de alimentos da Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, Christiane Starling conquistou o terceiro lugar na categoria Casos de Sucesso no Prêmio Senai de Inovação e Serviços Técnicos e Tecnológicos 2011. Lançado ano passado, o prêmio foi criado nacionalmente com o objetivo de ampliar a participação das unidades operacionais da instituição na oferta de serviços de consultoria, de metrologia e de incentivo à inovação nas indústrias. A relação dos vencedores foi divulgada pelo Senai Nacional em dezembro, em Brasília.

O projeto premiado do Regional goiano consiste em uma assessoria e consultoria em gestão empresarial, com prestação de serviço técnico e tecnológico de diagnóstico, auditoria de qualidade e segurança alimentar, além de treinamento dos distribuidores da indústria Danone em Goiás. Pela conquista, a Escola Senai Vila Canaã receberá R$ 50 mil para modernização do seu laboratório de pesquisa aplicada em alimentos.

Na edição anterior do prêmio, o Senai Goiás faturou o primeiro lugar na categoria Gestor

Diretor regional do Senai Goiás, Paulo Vargas, e engenheira de alimentos da Escola Senai Vila Canaã, Christiane Starling, recebem prêmio pelo terceiro lugar na categoria Casos de Sucesso

Inovador pelo conjunto de projetos elaborados, desde 2004, por Christiane Starling, em parceria com diversas indústrias, que concorreram a financiamento do Edital Senai Sesi de Inovação.

SCITECH DE NOVO EM PRIMEIRO

Pioneira em procedimentos cirúrgicos não invasivos, empresa goiana prevê investimentos de R$ 11 milhões em pesquisas e em sua nova fábrica

Vencedora pela segunda vez da etapa nacional do Prêmio Finep de Inovação, versão 2011, na categoria média empresa, a goiana Scitech Produtos Médicos planeja investir neste ano pelo menos R$ 11,0 milhões entre a construção de sua nova fábrica, que deverá multiplicar em 10 vezes sua capacidade atual, e atividades de pesquisa tecnológica e desenvolvimento de produtos. Uma parte desses recursos virá das conquistas alcançadas nas etapas regional e nacional da premiação, num total de R$ 2,0 milhões, com cada fase respondendo por metade desse valor.

O dinheiro do prêmio, um reconhecimento aos esforços empreendidos ao longo dos últimos três anos por empresas comprovadamente inovadoras, deverá ser destinado possivelmente, de acordo com Cunha Neto, ao desenvolvimento do projeto de uma válvula aórtica percutânea, que deverá exigir um investimento total de R$ 4,0 milhões – metade dos quais providos pela própria Scitech. O equipamento torna dispensável a prática de cirurgias de peito aberto para colocação de próteses para correção de problemas na aorta, tornando viável a aplicação do tratamento para pessoas mais idosas, mas beneficiando igualmente pacientes de outras faixas etárias, esclarece Cunha Neto.

Pioneira na América Latina no desenvolvimento de soluções inovadoras na área médica, com foco em técnicas cirúrgicas minimamente invasivas, o novo procedimento envolve a colocação, por meio da artéria fermural, de um stent com válvula de pericárdio bovino, material que se torna inerte depois de submetido a tratamento específico e amplamente utilizado em cirurgias cardíacas.

O planejamento estabelecido para 2012 projeta os investimentos em P&D em R$ 6,0 milhões e reserva ainda R$ 5,0 milhões para as novas instalações em Aparecida de Goiânia, que passarão a abrigar a sede da empresa e toda a estrutura de produção. De acordo com Cunha Neto, a unidade permitirá aumentar a capacidade instalada para 60 mil stents por ano, frente a 6 mil atualmente. O stent coronariano, produto que assegurou o prêmio regional de inovação em 2006, hoje listado como estratégico pelo Ministério da Saúde, deve ganhar em breve nova versão, em fase de liberação de registro pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Trata-se de uma evolução do stent convencional, que agrega, além da malha metálica, o fármaco Sirolimus, que reduz drasticamente os casos de reestenose. A reincidência de fechamento das artérias ocorre, em média, em 15% a 20% dos casos. Esse porcentual, afirma Cunha Neto, cai para 3% a 4% com o uso do fármaco.

Melchíades Cunha, com a presidente Dilma Rousseff na entrega do Prêmio Finep Inovação 2011: novas instalações vão multiplicar por dez a capacidade de produção

ESTAGIÁRIOS MUDAM REALIDADE DE EMPRESAS

Com projetos desenvolvidos durante o período de estágio, estudantes colocam aprendizado em prática e, com apoio das empresas, aprimoram processos e gestão

Célia Oliveira

A redução do tempo para fracionamento da matéria-prima, a conversão desse processo do estágio individual para o coletivo e a redução da ocorrência de massas fora do padrão foram alguns dos resultados alcançados pela Mabel, um das maiores fabricantes de biscoitos do Brasil, como resultado de atividades desenvolvidas pela estagiária Sarah Carneiro, estudante de engenharia de alimentos na Universidade Federal de Goiás (UFG). A experiência deu a ela o primeiro lugar no Prêmio IEL de Estágio, categoria Grande Empresa.

Com seu projeto – Otimização da Logística Interna de Distribuição de Matéria-Prima –, Sarah almejava dinamizar a disponibilização de insumos e ingredientes e aplicar na preparação de massas de biscoitos os conceitos de just in time, sistema de administração da produção por demanda, que determina que nada deve ser produzido, transportado ou comprado antes da hora exata. Com os objetivos alcançados, ela lembra que, a despeito das dificuldades enfrentadas com exigência de mudança de cultura dos empregados e de supervisão, o apoio da empresa foi decisivo. "A empresa, ao perceber o benefício que o projeto traria, participou, aprovou as ações do mesmo e liberou recursos para realização da proposta."

Com a iniciativa da estagiária, a indústria de alimentos de Aparecida de Goiânia ainda conseguiu como resultados facilitar o trabalho do preparador de massa com pouca experiência, reduzir o retrabalho e tornar as tarefas mais ergonômicas. "O projeto otimizou a rastreabilidade dos micro-ingredientes, reduziu os erros operacionais que geravam desperdício de bateladas inteiras e reduziu também a fadiga operacional", aponta a supervisora industrial, Mariana Elisa Couto.

Henrique, Sarah e Lydiane: soluções premiadas trazem ganhos para empresas

CORTE RADICAL NO DESPERDÍCIO

Quem também teve de quebrar paradigmas no processo produtivo foi Lydiane Rodrigues, estagiária na Midway International Labs, de Anápolis. Igualmente vencedora do Prêmio IEL de Estágio, na categoria Média Empresa, a estudante de nutrição na instituição Anhanguera Educacional desafiou e rompeu várias barreiras. Motivada pelo alarmante desperdício de alimentos durante o preparo e na distribuição das refeições na empresa, ela começou a estudar medidas para combater o problema.

Batizado de Nutrisustenta - Nutrindo com Sustentabilidade, o projeto que Lydiane implantou na Midway reduziu em 58% os gastos com hor-

tifruti na Unidade de Alimentação e Nutrição, além de gerar o aproveitamento integral dos alimentos, reduzir a geração de resíduos orgânicos no preparo de refeições e os gastos com guardanapo, em índice também superior a 50%.

Aceitar desafio e testar habilidades motivou também o estudante de engenharia mecânica na Unip Henrique Corrêa a se inscrever no Prêmio IEL de Estágio e ser o vencedor da categoria Pequena Empresa, pelos bons resultados do projeto Desenvolvimento do Manual Técnico Operacional da Máquina Arco Submerso do Setor de Produção da Maktractor Comércio e Serviço.

Na empresa, ele detectou a necessidade de padronizar as máquinas de produção e capacitar o operador, gerando mais segurança e maior produtividade. A partir da constatação, foi elaborado um manual técnico que torna a empresa independente de mão de obra especializada e apta a treinar os funcionários internamente.

Vantagens para empresas e alunos>>

Quando bem desenvolvido, o estágio gera benefícios tanto para os estudantes quanto para as empresas, que se deparam com a oportunidade de captar novos talentos diante da elevada carência de mão de obra qualificada no País e formar recursos humanos afinados com suas particularidades.

"Gostaria que toda empresa formasse seu estagiário para assumir responsabilidades e gerenciar equipes dentro de seus ambientes corporativos."

***Sarah Carneiro**, da Mabel*

"Contratar estagiários é importantíssimo. Eles apresentam bom intelecto, facilitam a interação faculdade-empresa e conduzem até a empresa novas idéias."

***Lydiane Rodrigues**, da Midway*

"O estagiário de hoje terá muita chance de ser um forte aliado da empresa; pode trazer benefícios para a empresa se atualizar e acompanhar o mercado."

Henrique Corrêa, *da Maktractor*

ESTÁGIO E PRÊMIO, VALOR DUPLO

Importante e benéfico para todos os envolvidos e reconhecido como ato educativo, o estágio coloca, principalmente, o estudante em sintonia com o mercado empresarial e profissional. Ao encontrar espaço nas organizações, orientação de professores e supervisão de outros profissionais da área, os estagiários apresentam-se hábeis na elaboração e aplicação de projetos que, como os de Sarah, Lydiane, Henrique e tantos outros, alinham os conhecimentos recebidos em sala de aula com a realidade empresarial e acabam contribuindo com a melhoria de processos, projetos e gestão e com a própria formação.

"Para mim, foi uma maneira não só de aplicar conceitos teóricos, mas também de aperfeiçoamento pessoal", conceitua Sarah.

Considerando-se mais comprometida com a profissão, Lydiane diz galgar os primeiros passos na carreira, pois o estágio e a premiação representam um futuro brilhante. "É mola propulsora para o sucesso profissional, estimula a criatividade, item que a faculdade, sozinha, dificilmente consegue explorar". De acordo com a estudante, seu maior benefício com o estágio foi a obtenção de maior capacitação e aprimoramento técnico.

Prêmio IEL de Estágio 2012>>

O Prêmio IEL de Estágio, que desde o ano de 2005 revela jovens talentos – futuros profissionais – e, paralelamente, destaca empresas e instituições de ensino, visa disseminar na sociedade a cultura da inovação e os benefícios alcançados no processo produtivo; estimular a criatividade e a originalidade dos estagiários e colaborar para o desenvolvimento da cultura da qualidade, do desenvolvimento sustentável e da prática da responsabilidade social nas empresas.

"Ensinar, qualificar, capacitar e integrar o setor educacional ao segmento produtivo é missão do IEL Goiás que, em 2011, colocou 15 mil estudantes em empresas do Estado"

***Humberto Rodrigues de Oliveira**, empresário e superintendente do IEL Goiás*

VAGAS E PROFISSIONAIS MAIS FÁCEIS NA INDÚSTRIA

Na indústria goiana, ficou mais fácil para a empresa conseguir os profissionais de que precisa e, para o trabalhador, obter vaga ao primeiro emprego ou mudar de organização. O mais interessante é que isso tudo é gratuito para ambas as partes. Basta ao interessado acessar o endereço eletrônico do Banco de Oportunidades de Emprego, criado pela Fieg, por meio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás). No site http://www.ielgo.br/emprego, o candidato insere dados para divulgação de currículo, busca oportunidades de emprego e envia currículo, habilitando-se a vagas. A empresa, por sua vez, anuncia cargos disponíveis e pesquisa por candidatos afins com suas particularidades e especificidades.

Ensinar, qualificar, capacitar e integrar o setor educacional ao segmento produtivo é missão do IEL Goiás que, em 2011, colocou cerca de 15 mil estudantes em empresas do Estado, em trabalho e aprendizado de estágio remunerado.

Funcionando desde setembro de 2011, o novo serviço já tem cadastrados mais de 100 mil currículos. O parque industrial goiano, conforme o Anuário das Indústrias do Estado de Goiás de 2011, conta com cerca de 17 mil empresas, que oferecem mais de 310 mil empregos formais.

Esse cenário culminou com a criação e o lançamento desta ferramenta como caminho para o setor produtivo alcançar profissionais e, estes, chegar às organizações que demandam a cada dia trabalhadores de todos os níveis de conhecimento e capacitação. O site nasce como aliado e fonte dirigida para que a indústria comece a resolver os gargalos nessa área.

Nele, as empresas podem anunciar vagas e visualizar profissionais das diversas áreas de atuação: operacional, administrativa, profissional graduado e pessoas portadoras de deficiência (PPD). Também constarão nomes de alunos dos cursos do Senai Goiás. Para a indústria, o acesso ao conteúdo do site em geral compreende as seguintes operacionalidades, sem nenhum custo: cadastro de vagas, busca de currículos, inclusão e alteração de vagas, envio de mensagem via e-mail aos candidatos, envio de convites para processo seletivo, comentário sobre cada currículo pesquisado, pastas de currículos e filtros especializados.

A ferramenta tem melhorias programadas, numa segunda fase, que entra em operação em 2012, trazendo com o recrutamento e a seleção cursos on-line e presenciais, orientação sobre cursos e análise de currículo. A inovação é forma de auxiliar no desafio crescente do empresário, que convive com a falta de mão de obra qualificada, problema presente em 69% das organizações, de acordo com pesquisa da CNI.

Todos os 35 sindicatos, de diferentes áreas industriais, filiados à Fieg, estão mobilizados nesse esforço para oferecer maiores e mais numerosas oportunidades de trabalho e produção a profissionais e empresas.

EM FASE DE "LAPIDAÇÃO"

Arranjo produtivo de artesanato mineral na região arranca para segunda etapa, em busca de maior capacitação para uma centena de artesões

Janaina Staciarini e Corrêa, de Cristalina

Depois da primeira etapa de desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local (APL) de artesanato mineral de Cristalina, iniciada em 2005, artesãos da cidade, no Entorno do Distrito Federal, vivem expectativa com a nova fase do programa de fomento produtivo e comercial da atividade, de forte influência na economia local. De acordo com dados da prefeitura, em 2007 essa cadeia produtiva faturou mais de R$ 20 milhões, respondendo por importante fatia da economia do município, que no mesmo ano, registrou PIB de R$ 652 milhões, com reflexo também de atividades que englobam o artesanato mineral. O foco da nova etapa do programa, que será executada até outubro deste ano, é o aperfeiçoamento de artesãos do APL, que já têm prevista a realização de um curso de design. No último dia 4 de janeiro, foi realizado o primeiro encontro de mobilização. Cerca de 20 artesãos se reuniram com representantes do Senai Goiás para definir o cronograma de execução dos cursos de aperfeiçoamento, cujas inscrições serão feitas na sede da Associação dos Artesãos de Cristalina e também na prefeitura.

Entre as ações já realizadas no APL, estão capacitação de artesãos, assistência técnica e tecnológica dos processos de produção, visita e participação em feiras do setor, realização de cursos e palestras sobre design e acompanhamento do desenvolvimento no design para os produtos. Ao todo, foram realizadas mais de 700 horas de cursos para cerca de 200 artesãos.

MELHORIA CONTÍNUA

Na nova etapa, serão realizadas oficinas de capacitação que agregarão conhecimento teórico e prático, atendendo a cerca de 100 artesãos com instrutoria especializada. Os participantes receberão informações sobre inovação, cores, embalagens, materiais, entre outros aspectos necessários à melhoria contínua da qualidade, variedade e utilidade dos produtos, embasados em técnicas e ferramentas de design. Durante a realização dos cursos, os artesãos desenvolverão uma nova coleção para o APL de Cristalina, a ser apresentada em catálogos que irão divulgá-la.

Peça produzida pela artesã Neusa Biacchi: cursos realizados a partir do APL possibilitaram o aprimoramento das técnicas utilizadas

PARCERIAS GARANTEM RECURSOS

Arranjos Produtivos Locais são constituídos a partir da vocação da região. Normalmente, os APLs têm uma entidade que os impulsiona – no caso de Cristalina, o Senai. Mas são projetos que não têm "dono", com grande capacidade de autonomia, e evoluem sozinhos a partir do impulso inicial. Em Cristalina, os recursos financeiros para a implantação do projeto do APL de Artesanato Mineral vieram do Ministério da Integração Nacional, por meio da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (Ride), prefeitura, além do apoio da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), do IEL e do Senai Goiás. Desde sua implantação, várias melhorias foram conseguidas, como reforma de ateliês, incremento das vendas, feiras de exposição

e até a construção de um local definitivo para a exposição das peças. O projeto para desenvolvimento do APL em Cristalina abrange todo o processo produtivo, da aquisição de matéria-prima no garimpo até a comercialização das peças. Durante o projeto, serão investidos recursos da ordem de R$ 2 milhões, dos quais cerca de R$ 715 mil foram aplicados somente na primeira etapa do APL. A organização do setor caminha para a melhoria de sua infraestrutura, com a compra de máquinas que permitirão a industrialização da atividade. Projetos entre os parceiros pretendem instituir uma unidade industrial para o uso comum dos artesãos. Serão constituídas oficinas de lapidação, ourivesaria tradicional e fundição com sistema de cera perdida.

TRADIÇÃO RESGATADA

Para a secretária Municipal de Administração, Sandra Aparecida da Silva, o programa para implantação do APL significa o resgate das tradições e da cultura da cidade. "Cristalina estava perdendo sua identidade, sua raiz. Com a implantação do APL, muitos artesãos e garimpeiros voltaram a essa atividade comercial, e muitos novos e jovens artesãos se interessaram por essa atividade e ingressaram no mercado. Esse ganho cultural não tem preço." Ela acrescenta que o projeto promoveu o fomento da economia local, uma vez que várias famílias que fizeram os cursos de capacitação por meio do projeto melhoraram significativamente a qualidade de vida, a renda familiar e as condições de trabalho.

FEIRA DE JOIAS E PEDRAS PRECIOSAS

A secretária Sandra Aparecida da Silva destaca ainda a exposição de Cristalina na mídia: "Teve divulgação nacional e até internacional desse novo momento do artesanato mineral em Cristalina. Além disso, implantou-se a Fecris (Feira de Joias, Artesanato Mineral e Pedras Preciosas de Cristalina), evento anual que está se firmando no cenário nacional. Com o retorno do segmento fortalecido, incrementou-se o turismo, divulgou-se a cidade e seus trabalhos manuais a nível nacional, e o investimento das esferas municipal, estadual e federal fez toda a diferença nesta nova etapa da exploração do artesanato mineral em nossa cidade", completa Sandra.

A Fecris é realizada anualmente, no mês de julho, em parceria da prefeitura municipal com a Associação dos Artesãos de Cristalina e o Ministério da Integração Nacional. No evento, é comercializada a produção anual de artesanato e joias da cidade. Em 2011, a sétima edição da feira reuniu 30 artesãos e público de cerca de 100 mil pessoas, segundo dados da associação. No primeiro ano da feira, em 2004, esse número era de apenas 12 profissionais. Em julho deste ano, será realizada a oitava edição e a expectativa é de um número ainda maior de expositores. Em todas suas edições, a feira atrai para a cidade de milhares de pessoas, entre joalheiros, lojistas, exportadores, montadores de bijuterias e público consumidor.

Qualidade aprimorada: arranjo impulsiona mercado de joias e artesanato mineral

UM SHOPPING PARA O ARTESANATO

De acordo com Willian Francisco Souto, presidente da Associação dos Artesãos de Cristalina, o projeto para a implantação do APL de Joias, Gemas e Artesanato Mineral de Cristalina "ofereceu um grande avanço nas técnicas de lapidação e joalheria, melhorando a renda e a qualidade de vida dos atores locais." Ele acredita que a continuidade do projeto dará novo fôlego aos artesãos, joalheiros, garimpeiros e lojistas da cidade. "É extremamente necessária a continuidade nas capacitações técnicas e gerenciais para que os trabalhadores ofereçam melhores produtos e serviços", afirma. Ainda segundo Willian, o projetopossibilitou inúmeras conquistas, dentre elas a doação, pela prefeitura municipal, de um terreno em que será construído o Mercado do Cristal.

Willian Francisco Souto, da Associação dos Artesãos de Cristalina: a continuidade do projeto dará novo fôlego aos artesãos

O projeto deverá trazer muitos atrativos para a cidade, segundo a artesã Neusa Biacchi, entusiasta da ideia: "Vamos ter um local próprio para atender ao turista, aos clientes. Então esse é um ponto muito importante que será resolvido. Vai ser como um shopping, onde todos os artesãos vão ter seu lugar, e uma parte do espaço vai ficar com a associação." Ela destaca aindaqueo projeto do APL de Cristalina foi muito importante porque os artesãos se uniram mais e, com isso, obtiveram várias conquistas, inclusive a melhora na qualidade das peças. "A qualidade dos produtos melhorou porque você acaba divulgando seu trabalho fora. Os turistas ficam mais exigentes e os artesões se preocuparam em melhorar a qualidade do trabalho", resume.

"A qualidade dos produtos melhorou porque você acaba divulgando seu trabalho fora. Os turistas ficam mais exigentes e os artesões se preocuparam em melhorar a qualidade do trabalho"

Neusa Biacchi, *artesã*

A ESCALADA DAS VENDAS

O incremento nas vendas dos artesãos em lojas e ateliês a partir da implantação do projeto para criação do APL também é visível. Um desses casos de sucesso é o artesão Aguinaldo de Oliveira Matos, o Aguinaldo das Pedras. Ele conta que, a partir dos cursos de capacitação, sua técnica melhorou. "Os cursos abriram nossa mente", diz o artesão. E completa: "Nós tivemos a oportunidade de passar por alguns cursos de capacitação oferecidos pelo Senai. E começamos a evoluir, produzir um pouco mais. Tivemos também um curso na área de design que nos ajudou a criar algumas coisas diferentes." Na profissão há 25 anos, mas com atuação restrita ao mercado de Cristalina, Aguinaldo das Pedras hoje participa do Salão do Artesanato, de congressos e feiras, incluindo a Feninjer (Feira de Indústria de Joias, Relógios e Afins), em São Paulo. No início da década de 2000, ele produzia cerca de 20 anéis por dia e os comercializava a um valor médio de 50 reais a peça. Hoje possui cerca de 600 anéis em estoque e os vende a um preço médio de 140 reais a unidade. Isso corresponde a um aumento de 2.900% de produção ao longo desses seis anos. O artesão emprega diretamente sete pessoas em sua oficina, além dos prestadores de serviço em ourivesaria que trabalham em casa.

A atração de artesãos e turistas de outras localidades interessados em adquirir matéria-prima, como o cristal bruto ou lapidado, cristais de quartzo e artefatos diversos para consumo e comercialização, também é fator determinante para o crescimento do município.

"Nós tivemos a oportunidade de passar por alguns cursos de capacitação oferecidos pelo Senai. E começamos a evoluir, produzir um pouco mais. Tivemos também um curso na área de design que nos ajudou a criar algumas coisas diferentes."

Agnaldo das Pedras, *artesão*

MERCADO PRONTO ATÉ FIM DESTE ANO

A Prefeitura de Cristalina fez a doação de uma área com 1.700 m² para a construção do Mercado do Cristal. O local servirá para comercialização das peças produzidas pelos artesãos e possibilitará que sejam realizados cursos e exposições. As negociações para a doação e construção do mercado tiveram início entre os anos de 2008 e 2009 e foram possíveis graças ao projeto para implantação do APL no município. O terreno fica em lugar privilegiado, próximo à rodovia e com fácil acesso. Hoje, o Mercado do Cristal é uma realidade que deverá ser entregue aos artesãos até o final deste ano.

UM FAROL NA ESCURIDÃO

PESQUISAS ESTRUTURADAS E DADOS ATUALIZADOS ORIENTAM O PLANEJAMENTO DAS AÇÕES E DE PROJETOS DESENVOLVIDOS PELO SISTEMA FIEG, TORNANDO SEU TRABALHO MAIS EFICIENTE

continua>>

A intuição pode até mesmo ser uma arma importante na tomada de decisões. Mas em geral conduz a escolhas equivocadas, principalmente quando não estão fortemente lastreadas em dados concretos, apurados de forma adequada e ajustados à realidade. "As pesquisas são o mecanismo eficiente para orientar o processo decisório e a definição de diretrizes em qualquer organização, especialmente para a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg)", declara Pedro Alves de Oliveira, presidente da entidade. Todo o planejamento desenvolvido pela Fieg, prossegue ele, toma como ponto de partida as informações levantadas por pesquisas estruturadas, que orientam ações e projetos da casa e contribuem para que as metas propostas sejam alcançadas. Numa comparação, Pedro Alves recorre ao exemplo de um carro que trafega à noite sem luzes. "A pesquisa funciona como o farol que ilumina o caminho e conduz o veículo ao objetivo pretendido."

Da mesma forma, a atualização dos dados disponíveis por meio de levantamentos mais recentes torna possível, quando necessário, corrigir rumos e recolocar o planejamento na trilha correta. "Essa é uma política contínua na Fieg, que considera as pesquisas um instrumento indispensável", reforça Pedro Alves.

SINDICATOS, A META FINAL

Todos os trabalhos desenvolvidos pela Fieg têm como foco o crescimento da indústria goiana, por meio de ação envolvendo os 35 sindicatos que formam a base de sustentação do sistema, observa Pedro Alves, acrescentando que, desde o início do segundo semestre do ano passado, está em operação uma assessoria de relações sindicais, diretamente subordinada à presidência da federação. "Seu objetivo é promover maior aproximação entre a Fieg e os sindicatos, apoiar sua modernização e a expansão da base sindical, articulando ações entre o sistema, as empresas e os próprios sindicatos", declara Pedro Alves.

No momento, acrescenta o coordenador técnico da Fieg, Welington da Silva Vieira, a federação realiza amplo mapeamento de todos os segmentos ligados aos sindicatos também com o propósito de fortalecer a representatividade e dar sustentabilidade ao trabalho sindical. Ao mesmo tempo, a Coordenação Técnica da Fieg (Cotec), em parceria com a Companhia de Distritos Industriais de Goiás (Goiasindustrial), apura dados atualizados sobre a situação dos distritos e polos industriais instalados no Estado e deve concluir um diagnóstico que vai alimentar as ações políticas para a adequação da estrutura desses distritos às necessidades e novas demandas do mercado.

Em maio, sob coordenação do Conselho Temático de Agronegócio da Fieg, deverá ser concluída a primeira fase da pesquisa sobre cadeias produtivas, envolvendo os setores de produção de soja, milho, cana, leite e carnes, com consultoria da MB Agro e do professor José Augusto Costa, do Instituto Federal de Goiás (IFG). A elaboração final estará a cargo do professor Marcos Fava Neves, professor da USP Campus de Ribeirão Preto.

Luís Rosas, da Marketlink: identificar ameaças, pontos fracos, vantagens e oportunidades

QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

O acesso a dados confiáveis e a disponibilidade de séries históricas com informações sobre todas as áreas de uma organização, de forma integrada e atualizada, são elementos vitais para definir a capacidade de sobrevivência dessa corporação, afirma Luís Rosas, professor associado da Fundação Dom Cabral e diretor da Marketlink, empresa goiana especializada

em consultoria em planejamento estratégico e gestão corporativa. Criada em 2000, a Marketlink tem uma carteira com 35 clientes apenas em Goiás.

O planejamento estratégico, destaca Rosas, começa pela análise e avaliação de cenários, que são desenhados, por sua vez, a partir das informações apuradas interna e externamente, por meio de pesquisas estruturadas, que vão permitir identificar ameaças e antecipar oportunidades, assim como apontar pontos fortes e fraquezas de sua organização. Em qualquer cenário, aponta o professor, a relevância de um sistema estruturado de acompanhamento do mercado não pode ser desprezada. Adicionalmente, a análise de cenários, com base nos dados disponíveis, vai permitir que uma empresa ou instituição construa seus objetivos estratégicos, definindo indicadores para cada uma das metas fixadas. Esse sistema é que vai tornar possível averiguar a execução do planejamento previamente decidido.

PESQUISAS ON-LINE

O amplo leque de produtos e indicadores colocados à disposição das empresas e do setor público pela Fieg inclui levantamentos sobre a atividade industrial e a confiança do empresariado, perspectivas para o setor e para a economia em geral, divulgados mensalmente, além de sondagens especiais e a investigação de temas que afetam conjunturalmente a indústria e a sociedade civil de forma mais ampla. Em alguns casos, esse trabalho é realizado em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a exemplo do que ocorre com pesquisas anuais sobre investimentos e meio ambiente, lembra o economista Cláudio Henrique Oliveira, da Fieg.

"As pesquisas qualitativas colocam à disposição da sociedade um termômetro da expectativa das empresas em relação ao futuro, além de fornecer um retrato retrospectivo de seu desempenho e do setor como um todo", afirma Oliveira. Esses dados são usados na composição de cenários que indicam, entre outras tendências, o que se poderá esperar em relação à arrecadação do sistema – dado básico para orientar o planejamento de ações e projetos desenhados para o futuro imediato. Pode-se ainda antecipar qual deverá ser o comportamento do mercado de trabalho, o que vai influenciar o trabalho desenvolvido pelo Sesi e Senai, instituições do Sistema Fieg. Todas as pesquisas estão disponíveis no site da Fieg, no endereço www.sistemafieg.org.br

Maristela Nunes, gerente de Planejamento do Senai Goiás: acompanhamento permanente dos alunos em todos os níveis

CRESCIMENTO DE 13% NESTE ANO

Com 12 unidades fixas e 8 núcleos instalados no Estado, o Senai Goiás deverá ampliar o total de matriculados em quase 13% neste ano, passando a atender 115,55 mil alunos em cursos de formação profissional e tecnológica, qualificação e educação formal em níveis fundamental, secundário e superior, frente a 102,38 mil matrículas registradas em 2011. Todo o trabalho de expansão de seus serviços está ancorado em pesquisas e dados estruturados, apurados interna e externamente, depurados e trabalhados por uma equipe de técnicos e pesquisadores próprios e terceirizados, afirma a gerente de Planejamento do Senai Goiás, Maristela Nunes.

As pesquisas, destaca ela, fornecem dados e informações que contribuem para a formatação dos cursos, o desenho da grade curri-

cular, o dimensionamento e a estruturação de laboratórios e oficinas, além de permitir antecipar tendências e demandas que, por sua vez, vão igualmente influenciar o planejamento estratégico das atividades desenvolvidas pela instituição.

No banco da escola: formação e capacitação definidas de acordo com demandas do setor

Os alunos do sistema recebem acompanhamento permanente e são monitorados por meio de pesquisas que ajudam a verificar não só o nível de aprendizado, mas também a adequação do conteúdo que está sendo ensinado às demandas e exigências do mercado, numa fase final do aprendizado ou da capacitação. No final do curso, observa Maristela, os formandos são submetidos a entrevistas que vão atestar seu status atual em relação a emprego e renda. "Seis a oito meses depois, realizamos a pesquisa com egressos de nossos cursos, para aferir sua empregabilidade e eventual melhoria de renda", acrescenta.

Aqueles que já conseguiram colocação no mercado são igualmente monitorados, num levantamento específico que inclui entrevistas com os respectivos supervisores nas empresas para "verificar a adequação do aprendizado adquirido e se o ex-aluno está aplicando aquilo que foi aprendido naquela ocupação". Os resultados, constata ainda, fornecem informações relevantes para direcionar e, se for o caso, reestruturar os cursos ministrados e as oficinas, além de influenciar na formação de instrutores e até na forma de organização das áreas pedagógicas e administrativas das escolas do Senai Goiás.

TRABALHO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Tendências: acompanhamento torna possível antecipar as tecnologias que estão chegando ao mercado

O trabalho de prospecção de tendências e oportunidades, continua a gerente de Planejamento do Senai Goiás, Maristela Nunes, é realizado em estreita parceria com o Senai Nacional, por meio de levantamentos realizados geralmente em convênio com entidades nacionais, a exemplo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP (Fipe), as universidades federais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais (UFRJ e UFMG, respectivamente) e instituições internacionais.

O Departamento Nacional do Senai realiza os observatórios nacionais do trabalho, da tecnologia e da educação, também com o propósito de orientar o planejamento de longo prazo dos serviços do sistema. Atualizado a cada ano, o

Observatório do Trabalho aponta as ocupações emergentes e aquelas em que a procura está refluindo, projetando a demanda por emprego nos próximos cinco anos em cada Estado da Federação.

Já o Observatório Tecnológico acompanha o desembarque de novas tecnologias no mercado e tenta antecipar tendências nessa área, fornecendo informações aos Estados, que assim poderão analisar a perspectiva de aplicação das novas tecnologias em cada setor da atividade industrial. "Isso pode orientar, por exemplo, as decisões de compra de novos equipamentos e maquinários para as oficinas de capacitação", ressalta Maristela. O Observatório da Educação permite monitorar, com base em dados oficiais, o nível do ensino no País e nos Estados.

QUALIDADE DENTRO E FORA DO TRABALHO

A Pesquisa Qualidade de Vida do Trabalhador da Indústria do Estado de Goiás já está no forno e deverá ser divulgada em breve pelo Sesi Goiás. De acordo com a assessora de Planejamento da instituição, Karla Barra Di Lorenzzi Nunes, o trabalho permitirá construir o Índice de Qualidade de Vida do Trabalhador na Indústria no Estado, trazendo dados sobre a qualidade de vida dentro e fora do ambiente de trabalho.

A partir de indicadores que serão desenvolvidos com base nos resultados do levantamento, mostra Karla, a instituição poderá demonstrar as relações entre esses índices e a produtividade do trabalhador, assim como será possível observar os impactos das ações da indústria na qualidade de vida da região em que está inserida. Para assegurar a isenção da amostragem, afirma a assessora, as empresas foram selecionadas por meio de sorteio e terão acesso, além do material teórico e metodológico, ao seu resultado específico.

Responsável pela prestação de serviços de saúde e lazer aos trabalhadores do setor e aos dependentes diretos, o Sesi Goiás montou todo seu planejamento estratégico para o período de 2010 a 2015 com base em dados macroeconômicos e setoriais fornecidos pelos ministérios do Trabalho e da Educação, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Secretaria de Gestão e Planejamento (Segplan). Segundo Karla, foram ainda levados em conta indicadores apurados pelo Mapa Estratégico da Indústria Goiana e pesquisas aprofundadas realizadas entre conselheiros das entidades do Sistema Fieg, sindicatos patronais e de trabalhadores, empresários e colaboradores tanto do Sesi quanto do Senai.

Atendimento odontológico: oferta de serviços médicos é planejada segundo dados macroeconômicos e setoriais

"Também foi considerado o resultado da pesquisa de clima organizacional, que avalia o ambiente interno da organização."

Karla Barra Di Lorenzzi Nunes, *assessora*

PARA OS PÚBLICOS INTERNOS E EXTERNOS

Sandra Márcia, gerente de Estudos e Pesquisas do IEL Goiás: visão acurada do processo de integração do estagiário

Órgão executor de boa parte das pesquisas realizadas pelo Sistema Fieg, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) conduz a cada dois anos um trabalho de acompanhamento dos egressos de estágios, ouvindo não apenas os profissionais recém colocados, mas também empresas e instituições de ensino superior. "Essas pesquisas são em geral realizadas em conjunto, já que nosso grande produto é o estágio", observa Sandra Márcia Silva, gerente da área de estudos e pesquisas do IEL Goiás.

O Acompanhamento dos Egressos de Estágio do IEL possibilita que o instituto tenha uma visão mais acurada do processo de integração do estagiário no mercado de trabalho, avaliando sua trajetória profissional e sua contribuição para as empresas contratantes. As pesquisas fornecem ainda uma avaliação sobre como empresas e instituições de ensino enxergam o site do estágio e oferecem às universidades um retorno sobre conhecimentos adquiridos e sobre a colocação dos estagiários.

Periodicamente, continua Sandra, o IEL Goiás também realiza pesquisas de satisfação contratadas por clientes internos e externos. No momento, o instituto trabalha os dados de seu mais recente levantamento, num esforço para aferir sua própria imagem, do Sesi e do Senai, e promove, ainda, uma pesquisa de clima organizacional, envolvendo todos os trabalhadores do Sistema Fieg. Este último trabalho é igualmente realizado a cada dois anos e seus resultados, depois de submetidos a discussões internas, ajudam a definir programas de ação e estratégias de comunicação interna de forma a aprimorar o trabalho das instituições envolvidas.

A mais recente pesquisa realizada entre egressos do sistema de estágio gerido pelo IEL Goiás, divulgada em 2010, mostra que 81% deles conseguiram colocação no mercado e que 91,3% aprovam o processo, indicando que a atividade permitiu colocar em prática o que foi aprendido nos cursos superiores, trouxe maior conhecimento do mercado de trabalho e contribuiu para sua integração ao meio empresarial.

MUDANÇA DE HÁBITOS

Karla Barra Di Lorenzzi Nunes, assessora de Planejamento do Sesi Goiás

As doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes, obesidade e problemas cardiovasculares, estão hoje entre as principais causas de perda de produtividade, incapacidade laboral e elevação de custos relacionados à saúde dos trabalhadores, indica Karla Barra Di Lorenzzi Nunes, do Sesi Goiás. Por isso, a instituição desenvolve no Estado, desde 2007, o programa Diagnóstico de Saúde e Estilo de Vida, que tem permitido diagnosticar de forma precoce aqueles males, favorecendo a adoção de ações nas áreas de saúde e bem-estar, em parceria com as empresas, para promover a mudança de hábitos dos empregados. "As empresas industriais, com base nos resultados do programa, passam a focar seus recursos voltados à saúde de seus trabalhadores de forma mais eficaz, reduzindo custos neste setor e trazendo resultados positivos na área da produtividade", avalia Karla. Bem informado, acrescenta ainda, o trabalhador passa a adotar cuidados maiores com a saúde individual e começa a atuar como multiplicador, disseminando o conhecimento adquirido com colegas e com a família.

POLÍTICAS PÚBLICAS

O monitoramento de indicadores estabelecidos a partir de pesquisas econômicas de caráter mais perene permite direcionar e focalizar as políticas públicas, reforçando setores mais relevantes para a economia e estimulando segmentos emergentes que ainda exigem o apoio governamental. "O setor industrial, no sentido mais amplo, tem se diversificado e vem ganhando importância relativa ao longo da série histórica, o que justifica a adoção de um planejamento específico, com metas de longo prazo e indicadores que permitam avaliar resultados e corrigir rumos, quando necessário", avalia a gerente de Contas Regionais e Indicadores da Secretaria de Gestão e Planejamento (Segplan), Dinamar Ferreira Marques.

A indústria como um todo responde por alguma coisa em torno de 27% do Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás, com o setor de transformação ocupando fatia de 15,3%, segundo dados de 2009. Essa participação havia sido de 11,9% em 2002, o que demonstra uma evolução de 3,4 pontos porcentuais. De acordo com Dinamar, o avanço do setor industrial tem sido acompanhado por um processo de diversificação e de maior agregação de valor, especialmente nas áreas de extração mineral e beneficiamento de minérios, bens metálicos e metalurgia, montadoras de veículos, farmacêutica e sucroalcooleira.

Além de acompanhar diretamente o custo de vida para o consumidor e produzir outros indicadores, em parceria com órgãos e instituições públicas de pesquisa, a Segplan realiza ainda um levantamento semestral sobre a intenção de investimentos do setor privado para períodos de quatro anos. Esse trabalho, observa Marcos Fernando Arriel, gerente de Estudos Socioeconômicos da Segplan, indica, em dois exemplos, em quais setores há necessidade mais urgente de reforçar a infraestrutura e quais exigem projetos de capacitação de mão de obra.

A pesquisa de investimentos aponta, ainda, quais os setores da economia com maior probabilidade de crescimento, o que contribui para o correto direcionamento de incentivos fiscais e créditos públicos.

Dinamar Marques, gerente de Contas Regionais da Segplan: indicadores permitem corrigir rumos, quando necessário

MICROEMPRESA E EMPREENDEDORISMO

A segunda edição da pesquisa Diagnóstico da Gestão da Micro e Pequena Indústria, realizada pela Fieg, por meio do IEL Goiás, com apoio do Sebrae, e lançada em outubro de 2011, mostra poucos avanços em relação ao primeiro levantamento, concluído em 2006. Mas aponta caminhos. Entre eles, a necessidade de colocar em marcha no Estado uma ampla ofensiva para profissionalizar e aprimorar a gestão dessas empresas, que representam 99% do total de unidades empresariais e respondem por 59% dos empregos. Publicada em novembro do ano passado, as pesquisas Perfil do Jovem Universitário com Intenção em Empreender e Empreendedorismo na Indústria Goiana, concebidas pelo Conselho Temático Fieg Jovem, em parceria com a Associação de Jovens Empresários de Goiás, e realizadas pelo IEL Goiás, apontam que 81% dos universitários entrevistados pretendem empreender, mas indicam, ainda, que somente 10% dos empreendedores com negócios já implantados planejam sua operação e que 88% deles não dispõem de nenhum programa formal de gestão instalado.

Marcos Arriel, gerente de Estudos Socioeconômicos da Segplan: expansão adequada às necessidades do mercado

APESAR DA TURBULÊNCIA

Mineração, metalurgia básica, indústria química, construção e agronegócio deverão manter a economia goiana em crescimento

A economia goiana poderia estar em melhor forma não fosse a crise financeira internacional, mas dificilmente enfrentará retração em 2012. "Será ainda um período positivo, com crescimento para a atividade econômica. Não vai ser, no entanto, um ano para empolgar", prevê Welington Silva Vieira, coordenador técnico da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg).

O ritmo da economia deverá ser sustentado, neste ano, prossegue Vieira, pela força dos investimentos, antecipados pelo incremento de 81% nos desembolsos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), pelo salto de 184% no total de investimentos contratados ao longo do ano passado pelo Produzir e pelo crescimento de 48% no número de operações contratadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no Estado, conforme dados acumulados até setembro do ano passado.

Os setores da construção civil, de extração mineral, associado ao de metalurgia básica, e de produtos químicos, com destaque para a produção de medicamentos e fertilizantes, deverão preservar a trajetória de crescimento já destacada em 2011, contribuindo para manter a economia goiana fora da zona de crise neste ano, acredita Vieira.

O economista Robson Borges Salazar, MBA em Finanças, mestre em Desenvolvimento Regional e professor de Finanças das Faculdades Alfa, projeta igualmente um ano favorável para o Estado, a despeito do baixo crescimento esperado, na média, para o restante do mundo. "Haverá, no entanto, uma grande variação, já que os países da zona do euro tenderão a apresentar crescimento mais próximo de zero, com incremento mais relevante para os países emergentes", analisa.

O ritmo dos investimentos em Goiás>>

(Operações contratadas pelo Produzir e Fomentar no Estado)

Ano	Número de projetos	Empregos diretos	Investimento fixo (R$ milhões)	Benefício (R$ milhões)
2000	10	478	52,378	180,624
2001	59	4.201	546,672	2.373,63
2002	83	5.283	652,165	4.211,62
2003	297	36.024	5.907,20	18.934,50
2004	217	14.625	1.831,54	14.135,23
2005	175	20.520	3.171,43	18.045,11
2006	148	21.543	5.755,67	25.683,16
2007	131	33.903	8.903,16	48.522,90
2008	114	23.186	7.754,48	36.597,82
2009	100	12.794	2.076,40	13.578,30
2010	76	6.055	710,551	4.919,17
2011*	74	6.182	2.019,65	8.833,88
Total	**1.410**	**178.612**	**37.361,66**	**187.182,07**

(*) Até novembro
Fonte: Secretaria de Indústria e Comércio/Produzir

AGROPECUÁRIA VAI "SEGURAR AS PONTAS"

Robson Salazar aposta num avanço de 3,6% para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro neste ano, superior às taxas projetadas para 2011, com crescimento em torno de 4,0% para Goiás. "A inflação deverá cair abaixo da meta, com queda consequentemente para as taxas de juros, fruto de uma política fiscal responsável, câmbio flutuante e expansão moderada do crédito", complementa.

Suas projeções coincidem com os números trabalhados pela Secretaria de Gestão e Planejamento (Segplan), por meio da Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informações Socioeconômicas (Sepin). Num trabalho recente, a equipe da Sepin previu avanço de 4,0% para o PIB goiano neste ano, diante de 3,5% projetados para 2011 – metade da taxa estimada para 2010. No ano passado, de acordo com a Sepin, o PIB do Estado teria superado a marca do centésimo bilhão, aproximando-se de R$ 102,85 bilhões, e poderá bater os R$ 112,3 bilhões neste ano, mantendo participação de 2,6% no PIB brasileiro.

Em tempos de crise, retoma Salazar, "o setor agropecuário sempre segura as pontas, o que deverá ocorrer também em 2012, com uma taxa de juros menor e o câmbio favorável. Esse panorama favorecerá a economia goiana", reforça. Além do agronegócio, o economista acredita que o setor imobiliário, "em franca expansão no Estado, também deverá continuar crescendo, principalmente na capital e nas maiores cidades do interior".

Robson Salazar: inflação abaixo da meta e crescimento em torno de 3,6% para o PIB brasileiro neste ano

TRÊS ANOS DE ESTAGNAÇÃO

Quem tomou como referência os dados muito mais robustos exibidos pela indústria no começo de 2011 animou-se a desenhar prognósticos predominantemente otimistas para os 12 meses seguintes. A sucessão de eventos, dali para frente, no entanto, esgotou rapidamente o entusiasmo inicial, obrigando a um enxugamento radical nas projeções para o setor e para a economia em geral – o que apenas demonstra quão frágeis podem ser as previsões na área econômica. "A indústria foi o patinho feio da economia ao longo de 2011. O setor, que esperava crescer até 6% no começo deste ano, enfrenta agora o risco de crescer 0%", observa Sérgio Vale, economista chefe da MB Associados.

Depois de encolher 7,4% durante 2009, a produção industrial, que já vinha em recuperação

"A indústria foi o patinho feio da economia ao longo de 2011. O setor, que esperava crescer até 6% no começo deste ano, enfrenta agora o risco de crescer 0%."

Sérgio Vale, *economista chefe da MB Associados*

desde a segunda metade daquele ano, encerrou 2010 com salto aparente de 10,5% – em grande parte justificado pela base de comparação bastante reduzida. As condições macroeconômicas que permitiram esse cenário alteraram-se rapidamente nos meses seguintes, com a indústria mais pressionada pela alta dos custos, pela persistente apreciação cambial, que ajudou a desnudar a baixa competitividade externa do setor, pelo consequente acirramento da concorrência internacional e pelas notícias cada vez mais desanimadoras sobre a crise nas economias centrais, com perspectiva de recessão na Europa e frágil recuperação nos Estados Unidos.

A produção industrial, projeta Rogério César de Souza, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), caminhava, já no finalzinho de 2011, para um crescimento modestíssimo, em torno de 1% ou "talvez um pouco mais, algo próximo a 1,2%". Num tom ainda mais pessimista, Thovan Tucakov, da LCA Consultores, antevê variação na faixa de 0,5%. "A série dessazonalizada indica estagnação da produção industrial desde maio de 2010", reforça.

Na verdade, segundo Aloísio Campelo, economista e coordenador das sondagens conjunturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o quantum produzido pelo setor industrial não cresce há quase três anos e somente em março deste ano ameaçou superar o mesmo nível alcançado em 2008. "Mas a atividade industrial entrou em desaquecimento a partir de então", acrescenta Campelo. O indicador de utilização da capacidade instalada na indústria, que havia alcançado 83,5% em outubro deste ano, recuou para 83,3% no mês seguinte. "Por coincidência, é a mesma taxa média observada desde 2003 para o setor", aponta o economista.

A ociosidade tem sido mais relevante no setor de produção de bens intermediários, que responde por 55% do valor da transformação industrial assim como da produção física. Mas a indústria de duráveis também ressente-se desta fase mais turbulenta, anota Tucakov. O volume de estoques na indústria automobilística atingiu em outubro o equivalente a 40 dias de vendas, o mais elevado desde novembro de 2008, quando havia atingido 57 dias.

"NOVA ONDA DE IMPORTAÇÕES"

A segunda edição da pesquisa Diagnóstico da Gestão da Micro e Pequena Indústria, realizada pela Fieg, por meio do IEL Goiás, com apoio do Sebrae, e lançada em outubro de 2011, mostra poucos avanços em relação ao primeiro levantamento, concluído em 2006. Mas aponta caminhos. Entre eles, a necessidade de colocar em marcha no Estado uma ampla ofensiva para profissionalizar e aprimorar a gestão dessas empresas, que representam 99% do total de unidades empresariais e respondem por 59% dos empregos.

Publicada em novembro do ano passado, as pesquisas Perfil do Jovem Universitário com Intenção em Empreender e Empreendedorismo na Indústria Goiana, concebidas pelo Conselho Temático Fieg Jovem, em parceria com a Associação de Jovens Empresários de Goiás, e realizadas pelo IEL Goiás, apontam que 81% dos universitários entrevistados pretendem empreender, mas indicam, ainda, que somente 10% dos empreendedores com negócios já implantados planejam sua operação e que 88% deles não dispõem de nenhum programa formal de gestão instalado.

O "ESPELHO" DE 2011

O cenário para 2012 não parece muito diferente e, a depender dos desdobramentos da conjuntura externa e dos níveis dos estoques domésticos na passagem de ano, o primeiro trimestre tende a apresentar crescimento nulo ou muito baixo. "O próximo ano deve ser um espelho do que foi 2011, com fraco desempenho no início e crescimento mais acentuado no final", analisa Caio Megale, economista do Itaú BBA. Considerando o valor adicionado pela indústria, o setor poderá chegar à segunda metade do próximo ano com taxas entre 6% e 7%, dado o processo de "distensão monetária" já iniciado, uma provável retomada dos investimentos públicos e devido ao reajuste do salário mínimo, que deverá injetar ânimo renovado na demanda das famílias. Mas esta visão não é compartilhada por todos. Sérgio Vale, da MB Associados, por exemplo, antecipa perspectivas sombrias para este ano, diante de claros sinais de arre-

fecimento dos investimentos. "Como a crise deve perdurar ainda nos próximos meses, com grande risco de queda mais forte, temos uma indústria que poderá eventualmente ter comportamento até pior do que tivemos em 2011", declara. Para ele, "não há política econômica doméstica nem medidas protecionistas que possam ajudar na recuperação do setor, já que se trata de um contágio externo."

Caio Megale, do Itaú BBA: fraco desempenho no início do ano e avanço mais acentuado no final de 2012

PRODUTIVIDADE E INOVAÇÃO, A CHAVE

Num horizonte de turbulências, com perspectiva de baixo crescimento e acirramento da concorrência global, a capacidade de incorporar inovações e aumentar a produtividade será chave para definir o futuro da indústria brasileira, acredita o economista Rogério Souza, do Iedi. "Alguns setores terão de investir mais, outros precisarão incorporar a inovação em suas ações, o que não é trivial. Em linhas gerais, o setor deve intensificar sua preparação para se tornar mais produtivo", afirma.

A crise, completa Thovan Tucakov, da LCA Consultores, obrigará o setor industrial a destinar mais investimentos para a promoção de mudanças tecnológicas que agreguem competitividade à operação, especialmente no mercado doméstico, que deverá funcionar, como na crise de 2008, como válvula de escape para o crescimento. "O arrefecimento na tendência de alta nos preços das commodities cria oportunidade para a compra de insumos mais baratos, colaborando nesse processo, já que a competição externa vai se acirrar e será preciso oferecer ao mercado produtos mais baratos", avalia Tucakov.

O fato de o coração da crise estar instalado nas economias mais desenvolvidas, observa Sérgio Vale, economista chefe da MB Associados, permite que a indústria brasileira tenha tempo suficiente para se preparar, fortalecendo o caixa para enfrentar tempos mais difíceis adiante. Ao contrário de 2008, quando a economia mundial sofreu um tranco após a quebra do Lehman Brothers, desta vez as empresas terão tempo para se desfazer de posições cambiais mais agressivas, afirma Vale. "Isso não significa que seu comportamento será bom, mas pelo menos consegue se evitar dificuldades que poderiam significar aumento de falências", pondera ainda.

O economista considera temerário embarcar neste momento em projetos de investimento mais ambiciosos fora do País, o que inclui aquisições, que em geral correspondem à assunção de passivos denominados em moeda estrangeira. "Tem toda a questão cambial, que, pela imprevisibilidade do momento, tira a capacidade de planejamento desse tipo de operação, além do próprio risco de investir em países que possam não ter boas oportunidades de crescimento", adverte Vale. Como sugestão, o economista observa que a Colômbia, pela estabilidade demonstrada, "parece apresentar bom potencial e merece ser vista com carinho".

Thovan Tucakov: oportunidade para compra de insumos mais baratos neste ano

BONS NÚMEROS, NO LONGO PRAZO

O ritmo dos investimentos industriais, que vinham crescendo em velocidade superior ao aumento registrado pela produção do setor no primeiro semestre, sofreu desaceleração acentuada no terceiro trimestre de 2011, chegando a cair na comparação com o mesmo período de 2010, num processo associado às dificuldades geradas pela crise internacional. A captação de recursos externos, na média do período entre 2001 e 2010, segundo o chefe de departamento da área de pesquisas econômicas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Marcelo Nascimento, respondeu por algo em torno de 12% do funding dos investimentos na indústria e no setor de infraestrutura, atingindo participação de 15,1% no ano passado, num ambiente de recuperação econômica e custos mais baixos.

As emissões de dívida privada sofreram virtual paralisação no trimestre final do ano passado, numa fase de desaceleração pronunciada do investimento industrial. O consumo aparente de bens de capital industriais, que chegou a crescer 12% no primeiro trimestre, experimentou queda de 6,7% entre julho e setembro, frente a igual trimestre de 2010. A retração, afirma Nascimento, coincidiu com a fase de intensificação da crise na Zona do Euro, que "mexeu com as expectativas dos empresários, afetou o custo das transações e a própria oferta de crédito" no circuito internacional, já que alguns bancos tiveram de se "recapitalizar", reduzindo a disponibilidade de recursos para operações de crédito.

Marcelo Nascimento, do BNDES: perspectiva mais animadora para investimentos no longo prazo

Mas, numa perspectiva de prazo mais longo, pondera Nascimento, a expectativa de investimentos do setor industrial foi apenas marginalmente afetada pela crise. Os planos de investimento da indústria contemplam o desembolso de R$ 613 bilhões entre 2012 e 2015, num crescimento anual médio de 7,8%, segundo levantamento realizado pelo BNDES ao longo de um período que inclui o terceiro trimestre de 2011, num ambiente já "contaminado" pelos prognósticos mais negativos em relação à economia internacional. Essa variação média sugere leve desaceleração em relação ao avanço de 10,4% ao ano apontado para o período entre 2011 e 2014.

O consumo aparente de bens de capital industriais, que chegou a crescer 12% no primeiro trimestre, experimentou queda de 6,7% entre julho e setembro, frente a igual trimestre de 2010.

UMA AGENDA DE PESO

Com menos de um ano de vida, entidade cria espaço para integração mais "densa" na região, o que poderá influir positivamente no desenvolvimento de sua economia

A proposta de criação de um espaço institucional onde o setor produtivo do Centro-Oeste pudesse debater questões relacionadas ao desenvolvimento da economia regional e buscar caminhos para corrigir desequilíbrios nesse processo e as distorções geradas pela concentração econômica nos Estados mais ricos já vinha sendo trabalhada desde a redemocratização do País. Essa ideia ganhou corpo e forma no ano passado com a criação do Fórum das Entidades do Setor Produtivo do Centro-Oeste, numa iniciativa liderada pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), segundo Alexandre Furlan, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (Fiemt).

A agenda posta sobre a mesa tem sido dominada por assuntos tributários e fiscais, mas avança em outras direções, observando os interesses da indústria, do comércio e da agricultura do Centro-Oeste, incluindo temas como a questão fundiária e indígena, meio ambiente e o estabelecimento de mecanismos de financiamento mais adequados às atividades produtivas na região.

O desafio, daqui para frente, será não apenas desenvolver pautas mais específicas e alinhadas aos principais interesses daqueles setores, mas especialmente como transformar as sugestões e políticas propostas pelo fórum em decisões e medidas concretas. "A expectativa é de que consigamos transferir para nossa realidade todas as questões fundamentais debatidas ali, dando sustentação ao fórum e permitindo sua continuidade do tempo", observa Furlan.

"A união das instituições da região vai potencializar nossa grande capacidade de produção de alimentos, ampliando-se então o desenvolvimento industrial, comercial e do agronegócio."

Pedro Alves de Oliveira, *presidente da Fieg*

AVANÇOS INSTITUCIONAIS E POLÍTICOS

Na opinião do presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, o principal objetivo do fórum será alcançar a união e integração do setor empresarial, consolidando uma visão compartilhada sobre como deve se dar o desenvolvimento da região, "criando um sentido sociopolítico regional a fim de fortalecer as demandas e as necessidades dos Estados perante a União e instituições de desenvolvimento."

Sob esse aspecto, destaca Sérgio Longen, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul (Fiems), os principais avanços têm ocorrido exatamente em nível institucional. "A integração das federações, neste momento, é um ponto positivo, além da representatividade que (o fórum) já produziu junto aos diversos atores do cenário econômico de cada Estado."

Alexandre Furlan, vice-presidente da Fiemt, acrescenta ainda que a bancada que representa a região no Congresso e as entidades de classe "nunca conseguiram alcançar uma união politicamente mais densa". A vertente política e institucional, analisa ele, ganha relevância num momento em que a atuação do fórum agregou ao empresariado uma capacidade maior de mobilização, ampliando seu poder de influência sobre a classe política.

Pedro Alves espera que a iniciativa possa apresentar resultados concretos no curto prazo, "primeiro em relação à convalidação dos incentivos fiscais extra-Confaz, e a mudança da lei se faz essencial". O segundo ponto, continua o presidente da Fieg, será prosseguir com os estudos técnicos iniciados e "enfrentar quaisquer situações novas em defesa do desenvolvimento socioeconômico do Centro-Oeste."

A região, afirma Pedro Alves, tem conseguido se inserir "no contexto de ampliação dos recursos do FCO, o que tem sido determinante para nosso desenvolvimento regional. Nisso Goiás tem se destacado como o Estado da região com a maior aplicação dos recursos e com um fator importante: temos a menor inadimplência, o que caracteriza a viabilidade de retorno dos investimentos", reforça.

Alexandre Furlan, da Fiemt: desafio será transformar propostas em realidade

APOIO NACIONAL

Ao longo da curta, mas bem-sucedida história do fórum, descreve Pedro Alves, as entidades do setor produtivo da região avançaram na direção da unificação de pontos de vista em relação a ações e metas, posição posteriormente ampliada com a inclusão da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que passou a apoiar a alteração da lei complementar que regula o Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), "em especial com relação ao fim da unanimidade de decisão no caso de incentivos fiscais."

De acordo com o presidente da Fieg, com apoio das confederações nacionais da indústria, do comércio e da agricultura, "estamos negociando um estudo atual sobre a logística de transporte no Centro-Oeste e cuidando com atenção do problema do avanço das terras indígenas em Mato Grosso, devendo o fórum divulgar um documento técnico esclarecedor sobre esse assunto." Neste momento, a entidade trabalha para aparar divergências tributárias entre os Estados da região e já discute "a simplificação tributária de que tanto o País necessita", acrescenta ainda.

"INICIATIVA HISTÓRICA"

"Integrar para desenvolver é mais que um lema deste fórum. Trata-se, afinal, de uma iniciativa histórica para nosso território", declara Sérgio Longen, presidente Fiems. Em sua avaliação, o surgimento do fórum torna evidente "o esforço de integração e de fortalecimento do Centro-Oeste, envolvendo as federações das indústrias de cada Estado." Os encontros já realizados, prossegue ele, "resultaram em uma agenda positiva que envolve temas estratégicos para a economia da região e de relevância para o desenvolvimento industrial."

Longen, assim como Alexandre Furlan, da Fiemt, faz referência às discussões em torno da reforma tributária, incluindo a proposta de simplificação do sistema fiscal e a convalidação dos incentivos fiscais concedidos pelos Estados da região, e da alteração no quórum para aprovação de matérias no Confaz. Neste último caso, o fórum conseguiu reforçar a tramitação no Senado do projeto de lei complementar 240/06, que altera o rito para concessão ou revogação de benefícios fiscais relativos ao Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Confaz, fixado pela Lei Complementar 24/75. "Estamos em contato permanente com o Congresso Nacional com relação à votação do projeto de lei", reforça Pedro Alves, da Fieg.

Proposto originalmente pelo senador tucano Flexa Ribeiro, do Pará, o projeto foi alterado por emenda da senadora Lúcia Vânia (PSDB-GO) que fixa quórum qualificado de três quintos para as decisões do conselho. O projeto, aprovado em novembro pela Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado, encontra-se sob avaliação da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE). Em defesa de seu projeto, Ribeiro argumenta que "a ditadura da minoria" impede que especialmente os Estados menos desenvolvidos pratiquem política fiscal para atrair investimentos.

Sérgio Longen, da Fiems: temas estratégicos para a região e relevantes para a economia brasileira como um todo

PARTICIPAÇÃO PARITÁRIA NO FCO

Sérgio Longen defende ainda que o fórum reforce sua atuação para estabelecer participação paritária entre governo e iniciativa privada no Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) e na definição de rumos para a recém-criada Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco).

Para ele, a visão de cada federação e entidade do setor produtivo, assim como "procedimentos próprios de articulação com as respectivas bancadas regionais no Congresso e os projetos de fomento à atividade produtiva formam uma base sólida para que o fórum conquiste representatividade junto às diversas esferas dos governos e produza, assim, resultados para a economia da região."

Pedro Alves considera também que os assuntos incluídos na pauta do fórum "atendem aos interesses da indústria, bem como da socioeconomia do Centro-Oeste." A união das instituições da região, acrescenta o presidente da Fieg, "vai potencializar nossa grande capacidade de produção de alimentos, ampliando-se então o desenvolvimento industrial, comercial e do agronegócio."

IMPACTO BILIONÁRIO

Apenas uma dúzia de projetos incentivados pelos Estados contribuiu pela geração de 1,5% de todo o PIB brasileiro em 2010, com a criação de mais de 1 milhão de empregos

Os impactos dos projetos incentivados pelos Estados sobre a economia brasileira como um todo são muitas vezes mais amplos do que os reflexos locais, destaca estudo encomendado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e realizado pela FGV Projetos. Somadas as fases de implantação e operação, os 12 projetos analisados em sete Estados (Goiás, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina) e no Distrito Federal contribuíram, em 2010, com 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, gerando um valor agregado de R$ 46,127 bilhões e uma receita de impostos sobre a produção de R$ 11,198 bilhões – ou seja, 2,48% de todo o imposto arrecadado pelo País.

Segundo o professor Fernando Naves Blumenschein, coordenador do estudo, que recebeu dados das próprias empresas incentivadas, não foi considerado o valor dos benefícios contratados e em fase de fruição. O trabalho indica que a importância desses projetos pode ser mais bem entendida quando se analisa um "exemplo contrafactual". Na hipótese de suspensão de um daqueles projetos, aponta, "não somente os produtos finais deixariam de ser produzidos, como os empregados perderiam sua vaga e reduziriam seu consumo."

Além disso, a produção de bens intermediários consumidos na operação da planta deixaria de ocorrer. "Pode-se afirmar que a interrupção das atividades das plantas em questão geraria perdas substanciais para a economia e a população dos Estados e do País, bem como para as arrecadações tributárias estaduais e federal."

O estudo adota um modelo expandido de matriz insumo-produto, que permite visualizar os fluxos de produção, consumo intermediário e demanda final através de toda a economia, desagregada em 56 setores produtivos, indicando não só os impactos diretos, mas principalmente os indiretos e induzidos durante as fases de implantação e operação dos projetos.

Nessa leitura, embora os reflexos locais ganhem relevância em função do tamanho das economias analisadas, o grosso dos principais impactos ocorre de forma indireta, favorecendo as demais regiões do País. No caso do PIB, por exemplo, a geração indireta de valor adicionado responde por 76,8% do impacto total (R$ 35,429 bilhões em R$ 46,127 bilhões). Os empregos indiretos representam 97,5% do total, somando 995,27 mil entre 1,021 milhão de ocupações geradas sob influência dos 12 projetos avaliados. Isso significa dizer, ainda, que apenas essa dúzia de projetos respondeu por 1,06% de todos os empregos criados no País em 2010.

Os impactos dos projetos incentivados>>

(Dados consideram as fases de implantação e operação)

Variável	Impacto direto	Impacto indireto e induzido	Impacto total	Multiplicador	% da economia
PIB PC* (R$ milhões)	10.698	35.429	46.127	4,32	1,52
Renda do trabalho (R$ milhões)	1.296	12.180	13.476	10,40	1,07
Impostos sobre a produção (R$ milhões)	4.514	6.684	11.198	2,48	2,48
Excedente e renda do capital (R$ milhões)	4.887	16.567	21.454	4,39	1,63
Valor da produção PC* (R$ milhões)	23.224	74.220	97.444	4,20	1,69
Empregos	25.378	995.267	1.020.645	40,21	1,06

(*) PC – preço ao consumidor
Fonte dos dados brutos: FGV Projetos

CUSTOS PELA METADE

A implantação do sistema integrado de gestão e a conquista de certificações sustentam o salto observado pela Egesa, da carteira de clientes do ICQ Brasil

A séria de certificações conquistadas pela mineira Egesa a partir de 2002 e a implantação, em 2009, do sistema de gestão integrada, igualmente certificado em 2010, trouxeram maior competitividade e qualificaram a empresa para disputar grandes contratos, permitindo a diversificação na carteira de projetos, anteriormente concentrada em obras rodoviárias. A empresa passou a fazer parte do seleto grupo de empreiteiras com faturamento acima de R$ 1,0 bilhão, mais do que triplicando sua receita entre 2006 e 2010, de acordo com a revista especializada *O Empreiteiro*.

Segundo a publicação, as receitas da Egesa saltaram de R$ 347,0 milhões para R$ 1,182 bilhão, com previsão para atingir R$ 1,5 bilhão em dois anos. A empresa, que faz parte da relação de clientes do ICQ Brasil, ostenta certificação conferida com base na ISO 9001:2008 e ISO 14001:2004, no Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H), onde alcançou classificação no nível A pelo Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras (SiAC), e na versão 18001:2007 da normatização estabelecida pelo Occupational Health and Safety Advisory Services (OHSAS), que envolve gestão de segurança e saúde ocupacional.

No mercado há mais de 40 anos, detalha Thiago Pinto Coelho Teixeira, gerente de Qualidade, Segurança, Meio Ambiente e Saúde no Trabalho, a Egesa toca obras nos setores de edificações e de construção pesada em praticamente todos os Estados do País, empregando mais de 7 mil funcionários e atendendo clientes do porte da Petrobras, Vale do Rio Doce, Samarco, entre outros. A empresa participa das obras de reforma do estádio Mineirão, para a Copa de 2014, integra o grupo responsável pela construção dos tanques de petróleo do Complexo Petroquímico do Rio (Comperj), detém 80% do consórcio criado para montar a estação de tratamento de resíduos industriais da Refinaria Abreu de Lima e está ainda construindo 6 mil casas populares para o programa Mina Casa, Minha Vida, entre outros projetos.

A aplicação do sistema de gestão integrada, retoma Teixeira, assegurou maior competitividade à empresa, com redução de custos com acidentes de trabalho e ambientais, abriu novos mercados para a construtora e ainda trouxe ganho de imagem associado às políticas de recursos humanos e de respeito ao meio ambiente. Apenas entre 2010 e 2011, afirma o gerente, foi registrada redução de 54% nos custos nas áreas de meio ambiente, segurança e saúde no trabalho.

GANHOS ESTRATÉGICOS

A integração dos sistemas de gestão em uma corporação permite, entre outras vantagens, otimizar tempo e recursos humanos e financeiros, possibilitando à empresa, ainda, enfrentar com maior desembaraço as exigências da burocracia, de acordo com Marcello Guimarães Couto, da HGB Consultoria. Num plano mais estratégico, a corporação consegue se diferenciar entre seus concorrentes, assumindo posição de liderança na área de custos, com maior foco em seu mercado.

EM BUSCA DE DIVERSIFICAÇÃO

Fraldas Kisses coloca em operação fábrica em São Paulo e espera iniciar a produção de unidade no Ceará a partir de julho

Há duas décadas no mercado, a Fraldas Kisses prepara-se para engrenar nova fase de crescimento em 2012, com apostas reforçadas nos mercados das regiões Sul e Sudeste, Norte e Nordeste. A partir de julho deste ano, a empresa coloca em funcionamento sua mais nova unidade, instalada no Ceará, que deverá quase dobrar o total de empregados, além de promover maior diversificação de seu mercado. Atualmente, o Centro-Oeste ostenta participação de 70% nas vendas.

Em 2010, a empresa goiana, controlada há pouco mais de sete anos pelo empresário Paulo Miguel Diniz, iniciou a operação da planta recém adquirida em São Paulo para dar suporte à expansão planejada para as duas regiões mais desenvolvidas do País. A intenção, de acordo com a gerente de Marketing da Fraldas Kisses, Luciana Campos de Oliveira, é que as vendas no Sul e Sudeste passem a responder por 5% a 10% das receitas ainda neste ano. A capacidade total de produção de fraldas gira hoje ao redor de 30 milhões de tiras por mês, de acordo com Luciana.

Luciana Campos de Oliveira, gerente de Marketing da Fraldas Kisses: crescimento esperado de 10% em 2011

Responsável atualmente por aproximadamente 30% das vendas, a presença da empresa no Norte e Nordeste deverá ser igualmente ampliada, com a empresa pegando carona no vigoroso crescimento observado especialmente para o mercado nordestino de produtos de consumo. Nos 12 meses terminados em outubro do ano passado, o volume de vendas do comércio das principais economias da região apresentou taxas de crescimento superiores à média brasileira, com altas de 7,6% em Pernambuco, 8,5% no Bahia, 10% no Ceará, 11,1% no Maranhão e nada menos do que 14,5% na Paraíba, frente a 7,3% na média do restante do País.

A entrada em funcionamento da fábrica cearense, descreve Luciana, deverá impulsionar a estratégia da empresa para o Nordeste e o Norte brasileiros, diante dos ganhos esperados com redução nos custos de frete, maior proximidade do mercado consumidor e melhor adequação à demanda local. A unidade vai exigir a contratação de 200 novos empregados, o que se compara às 300 pessoas hoje empregadas pela empresa.

A Fraldas Kisses espera ter preservado, em 2011, o mesmo ritmo de crescimento observado em 2010, num avanço na faixa de 10% frente ao ano imediatamente anterior. O incremento deverá ser embalado pelos lançamentos realizados ao longo do ano passado, com destaque para a linha de fraldas Sollito, a primeira no mercado com indicador de umidade.

EM RITMO DE MUDANÇA

Aos 75 anos, o Grupo Imol prepara-se para mais do que dobrar de tamanho, instalando sua nova fábrica de móveis no polo de Senador Canedo

O Grupo Imol espera pelo menos dobrar sua produção neste ano, com impacto proporcional sobre as vendas, num resultado do investimento de R$ 3,5 milhões que a empresa realiza para instalar sua nova planta no polo moveleiro de Senador Canedo. A expectativa, anuncia Harley de Oliveira Paiva, diretor geral do grupo, é de que a indústria entre em operação em abril próximo, agregando máquinas e equipamentos de última geração e um layout mais moderno.

A área ocupada pelo chão de fábrica vai mais do que dobrar, passando de quase 1,5 mil metros quadrados, atualmente instalados no setor Criméia Oeste, em Goiânia, para 3,3 mil m², preservando praticamente o mesmo quadro, num total de 90 empregados de forma direta.

Harley de Oliveira Paiva: empresa começou com 100 m² de área e prepara-se para instalar nova fábrica com 3,3 mil m²

Nada mal para uma marcenaria que nasceu há 75 anos, em Cumari, criada por Antero Rodrigues de Oliveira, avô de Harley, com 100 metros quadros de área e apenas dois funcionários. Três décadas depois, a Marcenaria Oliveira desembarcou em Goiânia, instalando-se desde então no setor Criméia Oeste, já com oito empregados, além dos sócios. O pai de Harley, Divino Oliveira, que participava da sociedade apenas com capital, e outros três tios – Pedro, Wander e Eurípedes de Oliveira, que passou a responder pela gestão do negócio – vieram para a capital concluir os estudos.

A empresa tornou-se uma grande marcenaria, mas ainda atuava como uma pequena empresa, atendendo ao mercado local por encomenda e ao segmento de alta decoração. Formado na primeira turma do curso de Administração de Empresas da Faculdade Anhanguera, de Goiânia, Harley foi bancário e atuou no setor de engenharia, como sócio da Termoeste, uma das maiores empresas do País na área de sistemas de ar refrigerado central de grandes edificações, desde a fundação da empresa, em 1976, até 1º de junho de 2001, quando vendeu sua participação para assumir a direção geral do Grupo Imol.

O grupo passou a focar a produção em alta escala, contratando designers de fora para desenvolver projetos de maior fôlego, que hoje permitem à indústria atender a oito Estados, com a produção de móveis para os segmentos de alta decoração, corporativo, hoteleiro e grandes redes de varejo – a Imol fabrica e monta lojas de departamento para clientes como Riachuelo e Camicado. O setor hoteleiro ganhou maior relevância ao longo desse período e responde, atualmente, por 62% das receitas. No setor corporativo, a empresa opera basicamente com instituições financeiras (Santander e Itaú).

Jeans

A atriz Carol Castro durante ensaio fotográfico realizado para a confecção goiana Set, de Rakel Lobo, recentemente em Goiânia. A empresária, que comercializa sua produção também para o Norte e Nordeste, escolheu a musa dentro de estratégia para sofisticação da grife, que tem ponto de venda na Avenida Bernardo Sayão. Os cliques, realizados em mansão num condomínio da cidade, são de Cristiano Medeiros.

Tecnologia

Alexandre Costa (PCTel) finaliza os preparativos para lançar em breve um produto que promete revolucionar o campo médico cardíaco. Sua indústria em Goiânia vai começar a produzir um software que permitirá realizar eletrocardiograma a distância, com a comodidade on-line via tela de celular, i-phone e pagers. Assim, os médicos de plantão poderão analisar resultados durante viagens por meio de tecnologia avançada.

Níquel de Barro Alto

O presidente da Anglo American Níquel, Walter De Simoni, entrega placas de homenagem ao deputado federal Rubens Otoni, à presidente global da companhia, Cynthia Carroll, e ao presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, ao lado do governador Marconi Perillo, durante a inauguração da planta industrial de Barro Alto da Unidade de Negócio Níquel. Investimento de U$ 1,9 bilhão, a mina da região do Vale do São Patrício ajudou a empresa a aumentar em 14% a produção de níquel. Marconi Perillo destacou a importância do projeto para a elevação, em 2011, do Produto Interno Bruto goiano para R$ 102 bilhões, antecipando previsão para o final de 2012.

Mão de obra

O governador Marconi Perillo ressaltou a parceria da Anglo American Níquel com o Senai e Sesi, trabalho apontado como um dos melhores do País pelo presidente da mineradora. Segundo Walter De Simoni, 70% dos 800 empregos diretos gerados pela mina são da região de Barro Alto, mão de obra qualificada pelo Senai e Sesi.

Música

Cerca de 40 integrantes do projeto Batucada e Camerata de Violão, jovens músicos de Barro Alto, iniciaram os ensaios para um concerto em Goiânia, dia 6 de fevereiro. Ludmila Vila Nova, presidente da Associação dos Amigos da Cultura de Barro Alto, diz que a apresentação, no Teatro Rio Vermelho, marca evento da OVG para entrega de bolsas universitárias do ano de 2012. Os projetos sociais são mantidos pela mineradora AngloGold Ashanti, acionista da Mineração Serra Grande.

Pastéis

Maria Cristina Campos, conhecida como Kiki e matriarca do grupo goiano QG, com os filhos Rafael Campos e Pedro Paulo Craveiro, durante inauguração de loja de pastéis do QG Jeitinho Caseiro, na Avenida T-63, no dia 11 de janeiro. Rafael Campos adianta que se trata da primeira franquia do grupo em Goiânia, num projeto de expansão para este ano cuja meta é a abertura de 35 lojas na capital.

Tijolo ecológico

Andrey Nobre Liah (*foto*), engenheiro ambiental e um dos sócios fundadores da Ecosólidos, montada em Aparecida de Goiânia em 2010, adianta novidades para 2012. Além do bloco reciclado, feito a partir da usinagem de entulho da construção civil, agora o lançamento da indústria goiana fica por conta do novo tijolo de solo e cimento, cuja fabricação não passa pelo processo de queima que emprega o carvão vegetal. A ideia foi preservar recursos naturais do Cerrado, filosofia da empresa.

Teatro Sesi

Empresário Eduardo Zuppani e a mulher, a arquiteta Cláudia Zuppani, ao lado do pianista Francis Hime (*na foto, ao centro*), após concerto do músico no Teatro Sesi. Frequentador assíduo da programação artística cultural de primeira do teatro construído pela Fieg, Eduardo Zuppani se encontrou com o prefeito Paulo Garcia e solicitou o prolongamento da Avenida João Leite, palco do teatro. Segundo ele, a obra vai facilitar o acesso à Avenida Perimetral Norte, além de levar iluminação às vias públicas do Setor Santa Genoveva, o que deve atrair também mais público ao Centro Cultural Paulo Afonso Ferreira.

Pelada

Adepto de uma partidinha de futebol no fim da tarde, o presidente da Fieg, Pedro Alves, marca presença semanalmente no Clube Antônio Ferreira Pacheco, que passa por reforma e, em junho, vai sediar os Jogos Nacionais do Sesi, pela primeira vez em Goiânia. O tradicional complexo de lazer dos trabalhadores, construído no final dos anos 70, vai ganhar centro de convivência, toboágua, quadras de areia, de tênis e arquibancadas.

Oriente

Ladeadas pelo pai, Dejair Borges, Carolina Landeiro Borges e Camila Landeiro Borges se inspiraram na cultura oriental para entregar um empreendimento no Alto da Glória, dia 19 de janeiro.

FATOR 1

NEM PARECE, MAS AJUDA A SUA SAÚDE.

FATOR 2

FÁCIL, FÁCIL, ENTRA NO SEU DIA A DIA.

FATOR 3

MUDANÇAS QUE VALEM A PENA.

CONSULTE ECONOMISTAS, CIENTISTAS, NUMERÓLOGOS, ASTRÓLOGOS E, SE VOCÊ FOR DO TIPO DESCONFIADO, ATÉ OS PESSIMISTAS. ELES VÃO CONCORDAR: AS PREVISÕES PARA O FUTURO SÃO BOAS. ALIÁS, MUITO BOAS. PARA VOCÊ APROVEITAR O MÁXIMO DE TODAS AS BOAS MUDANÇAS QUE VÊM POR AÍ, COMECE MUDANDO UM POUCO O JEITO QUE VOCÊ VIVE. NÃO PRECISA DE MUITO, NÃO. PARA AJUDAR, ESTAMOS TRAZENDO VÁRIAS DICAS. E CADA UMA DELAS VEM COM O QUE CHAMAMOS DE FATOR DE SAÚDE. PARAR O CARRO UM POUCO MAIS LONGE E CAMINHAR ATÉ O TRABALHO, POR EXEMPLO, É FATOR 2. MASTIGAR A COMIDA NO MÍNIMO 32 VEZES, FATOR 3. SOME UM FATOR AQUI, UM ALI E, NO FINAL, VOCÊ VAI ESTAR ÓTIMO, SAUDÁVEL, CURTINDO TUDO DE BOM QUE AINDA VEM POR AÍ.

CHEGARBEMLA.COM.BR

O FUTURO PROMETE. EU QUERO CHEGAR BEM LÁ.

UMA INICIATIVA DE:

SINDUSCON-GO

Procura por emprego

O Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO) fechou contrato com a Curriculum para o cadastramento on-line de candidatos a uma vaga no setor. O serviço encontra-se hospedado no site do sindicato (http://www.sinduscongoias.com.br) e está disponível aos interessados gratuitamente, informa o coordenador de Desenvolvimento Humano, Fabiano Santiago Costa. Segundo ele, as informações armazenadas serão cruzadas com a demanda de oportunidades oferecidas pelas empresas construtoras que procuram profissionais por meio do Banco de Empregos do Sindicato.

Perspectivas otimistas

O presidente do Sinduscon-GO, Justo Cordeiro, considerou "importantes e necessárias" as novas diretrizes do Minha Casa, Minha Vida 2 em Goiás, anunciadas no final do ano pelo ministro das Cidades, Mário Negromonte. O programa prevê a construção de 63 mil novas moradias nos municípios goianos com mais de 50 mil habitantes. A pré-aprovação do projeto do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) para Goiânia, avaliado em R$ 1,2 bilhão, e a possibilidade de retomada das obras do anel viário da capital goiana, de acordo com Cordeiro, prenunciam "perspectivas muito positivas e que deverão abrir novos horizontes em 2012".

Denise Xavier

SINCAL

Enacal 2011

A Associação Brasileira dos Produtores de Calcário (Abracal) e o Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados do Estado de Goiás, Tocantins e Distrito Federal (Sincal) promoveram, em Goiânia, o 12º Encontro Nacional dos Produtores de Calcário (*foto acima*). José Vitti, presidente do Sincal, da Câmara Setorial de Mineração da Fieg, fez a abertura do evento. Entre os palestrantes, o engenheiro agrônomo Pedro Henrique de Cerqueira Luz, o especialista Antônio Eduardo Furtini Neto, o tributarista Euclides Jutkoskie, diretor executivo da Abracal, e o ex-presidente do Banco Central (BC) Gustavo Loyola.

SINDIREPA

Insalubridade

O Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO) realizou, em conjunto com o Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago), no dia 29 de novembro, no Auditório Gilson Alves, palestra sobre o tema Insalubridade e Periculosidade, com o professor Rafael Lara Martins. No dia 13 de dezembro, o Sindirepa promoveu, no Restaurante Cateretê, o primeiro jantar de confraternização da diretoria 2010/2013, com participação de seus diretores e suas respectivas famílias (*foto*).

SINVEST

Goiás Mostra Moda 2012

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Goiás (Sinvest-GO), José Divino Arruda, e a diretora jurídica do grupo FCEM, Giordana Madeira (foto), firmaram em dezembro parceria para a realização conjunta da Tecnotêxtil 2012 (Feira de Tecnologias para a Indústria Têxtil), da Seritex 2012 (Feira da Serigrafia e Tecidos para a Indústria Têxtil) e do Goiás Mostra Moda, edição 2012. Os três eventos serão realizados de 8 a 11 de maio de 2012, no Centro de Convenções de Goiânia. No primeiro dia das feiras, ocorrerá a grande final do Brasil Fashion Designers Centro-Oeste 2012. Nesta edição, o concurso irá homenagear o Pantanal, com o tema Majestades Pantaneiras do Mar Interior.

SICMA

Mais cursos em 2012

O Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) realizou, em dezembro, assembleia geral extraordinária para deliberar sobre a aprovação da previsão orçamentária e a fixação da Contribuição Confederativa para 2012. Durante a reunião, que contou com a presença da coordenadora de cursos da construção civil da Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange, Juliana Lopes de Oliveira, o presidente Álvaro Maia destacou que, em 2011, vários cursos de qualificação de mão de obra foram realizados em parceria com a instituição, Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) e outros parceiros. Segundo ele, a intenção em 2012 é reforçar essa ação.

Confraternização

A tradicional festa de confraternização de fim de ano do Sicma foi realizada na área externa do Espaço Stillus Hall, com participação do presidente Álvaro Maia, que abriu o encontro, do presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves de Oliveira, dos vice-presidentes Eduardo Zuppani e Wilson de Oliveira (também representando a Associação Comercial e Industrial de Anápolis e o Sindicato das Indústrias de Alimentação); do 1º secretário, Marley Antônio da Rocha, e do 2º secretário, professor Hélio Naves. Ainda estiveram presentes Robson Braga (Simea), Jair Rizzi (Siva) e Marçal Henrique Soares (Sindifargo), entre outras lideranças (*foto*).

FIEG REGIONAL

Balanço positivo

A Fieg Regional Anápolis realizou em dezembro, no Restaurante Candeeiro, a confraternização de fim de ano com os presidentes dos sindicatos das indústrias e os colaboradores. Na ocasião, Ubiratan da Silva Lopes (*foto*), que preside a entidade, agradeceu o apoio das lideranças no esforço para reestruturar e fortalecer a regional. "Nossa avaliação sobre o trabalho desempenhado ao longo de 2011 é extremamente positiva e esperamos, em 2012, poder realizar ainda mais com o apoio de todos os presidentes, dos nossos colaboradores, dos parceiros e da Fieg", ressaltou Ubiratan Lopes.

» SINDIFARGO

Semana da qualidade

O Sindifargo, por meio da Comissão de Trabalho de Assuntos Regulatórios (Comtrar), realizou, nos dias 23 e 24 de novembro último, no auditório da Genix Indústria Farmacêutica, a Semana da Qualidade 2011. O evento (*foto*) contou com participação de 32 colaboradores de dez indústrias farmacêuticas que atuam nas áreas de Assuntos Regulatórios, Garantia da Qualidade, Controle de Qualidade Físico-químico e Microbiológico. Os palestrantes convidados foram Agenildo Bastos, biólogo e farmacêutico com especialização em microbiologia, e a farmacêutica Alessandra Tomazzini, pós-graduada nas áreas de Gestão e Engenharia da Qualidade.

» SIVA

Novo padrão de medidas

Os tamanhos e as numerações das roupas, tradicionalmente classificados como P, M e G ou por números, começam a ser trocados por informações mais completas sobre altura, tamanho da cintura e até mesmo a largura do pescoço. A intenção é que as peças de vestuário sejam melhor ajustadas com o corpo do brasileiro. Essa nova padronização foi determinada em comum acordo entre a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o comércio e a indústria. Para o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi (*foto*), a mudança, bastante significativa, vai exigir muito das empresas, mas será positiva para o consumidor. Segundo a Associação Brasileira do Vestuário (Abravest), as roupas infantis já chegaram às lojas, o que deverá ocorrer ainda neste trimestre com as roupas femininas e, até o final do ano, com as masculinas.

» SIAA

Benefícios

O presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa), Valdenício de Andrade (*foto*), defendeu, na reunião ordinária da Fieg Regional Anápolis, realizada no final de novembro, divulgação mais ampla dos serviços e benefícios oferecidos pelo Sistema Fieg (Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil) nas áreas de educação, formação profissional e qualificação de trabalhadores, lazer e esporte, qualificação de empresas, estágio, entre outros.

SIMEA

Condolências

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simea), Robson Braga, lamentou a morte do empresário José Pereira Gravia, ocorrida no dia 11 de dezembro. "Uma triste perda, pois se tratava de um empreendedor de grande visão e que muito bem liderou a indústria Gravia, importante empresa da área de metalurgia de nosso Estado. Portanto, é um reconhecimento justo que fazemos à memória deste empresário e exemplar cidadão", ressaltou Braga, manifestando em nome do setor as condolências à família Gravia.

Oportunidades

Robson Braga (*foto*), presidente do Simea, comemora o anúncio de grandes empreendimentos para a cidade de Anápolis, como a chegada da planta da Rekkof, de origem holandesa, para produção de peças e componentes de aviões, e da chinesa Foton Lovol International Heavy Industry, que tem planos para instalar uma montadora de máquinas pesadas para atender à demanda das obras previstas para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Em sua avaliação, se concretizados, esses empreendimentos trarão grande impacto para a economia do município, abrindo novas oportunidades para o setor.

SINDICER/GO

Avaliação positiva

O presidente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer-GO), Henrique Morg de Andrade (*ao centro, na foto*), num balanço das atividades realizadas pela entidade em 2011, destacou como uma das principais ações a mobilização dos empresários para a contratação de uma empresa especializada para a elaboração do EIA/Rima da Área de Proteção Ambiental do Ribeirão João Leite, trabalho devidamente concluído e entregue à Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semmarh). Além disso, enfatizou também a questão da convenção coletiva de trabalho, as reuniões regionais e uma série de ações desenvolvidas em prol do fortalecimento do setor. A expectativa para 2012, avaliou Morg, é bastante positiva e, para isso, espera continuar contando com o apoio da diretoria.

SIMELGO

Confraternização diferente

O Sindicato das Indústrias Mecânicas, Metalúrgicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) preparou uma celebração diferente para sua tradicional confraternização de fim de ano (*foto*), com foco voltado para a criançada. Diversão não faltou para agitar a garotada que lotou o salão nobre do Sesi Clube Ferreira Pacheco, no dia 3 de dezembro, com direito a animadores. O evento foi prestigiado por empresários e diretores do sindicato, pelo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e Suely Oliveira, sua esposa, pelo diretor regional do Senai, Paulo Vargas, e os advogados do Rafael Lara e Thiago Miranda, do escritório Miranda Martins Moura Advogados. "Queremos celebrar junto aos nossos amigos que fazem parte da nossa rotina, do nosso compromisso com o sindicato, e isso é o mais importante para nós. Por isso pensamos numa festa para a família, e não apenas para os adultos", afirmou o presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira.

"Os fatos são palpáveis e concretos: o consumidor prefere a sacola plástica e não quer seu banimento. Ele tem o direito de opção pelo que lhe parece a melhor embalagem"

Aurelino Antônio dos Santos, *presidente do Simplago e vice-presidente do Conselho Temático do Meio Ambiente da Fieg*

O PLÁSTICO É ESSENCIAL

A vida na casa de cada família conserva em sua rotina a visita frequente ao supermercado para as compras do dia a dia. De lá saem produtos variados, adequadamente abrigados em recipientes de plástico. Numa outra rotina, aquela das pessoas devidamente conscientizadas para o bem-estar da vida em comum, que passa pelo respeito ao direito do outro e pela preservação do meio ambiente, dentre outras condições essenciais, está a da correta condução do resíduo plástico. Ele não vai para o limbo das ruas, mas para diversas utilidades e, posteriormente, para o processo da reciclagem. A qualidade de vida da população está exatamente nessa equação: o consumo correto e o descarte ideal.

Essa comprovação é da prática da vida de cada um e está muito bem delineada nas pesquisas de opinião pública: a grande maioria dos consumidores prefere as sacolas plásticas para transportar suas compras e – melhor ainda – não as desperdiça. A causa da preferência é bem definida: resistência do material e condições de reutilização. Há de se destacar nesse quesito o fato de se acondicionar o lixo de forma segura e higiênica, num processo que favorece a economia, pois protege a roupa e ainda conduz outros produtos, e preserva o meio ambiente, ao acondicionar o descarte reciclável para efeito de transformação em outros produtos.

Os fatos são palpáveis e concretos: o consumidor prefere a sacola plástica e não quer seu banimento. Ele tem o direito de opção pelo que lhe parece a melhor embalagem. E tem dado sua contribuição para a preservação do meio ambiente, pelo uso consciente da sacola plástica e seu descarte correto.

Já disse em outras oportunidades e agora repito: o plástico é indispensável à vida contemporânea. E seu uso, hoje, é ambientalmente sustentável; enquanto o Brasil segue como um exemplo em relação à reciclagem e ao aproveitamento dos materiais.

Não é por isso, no entanto, que se deve aceitar o material que aparecer pela frente. Há normas regulamentadoras que cumpre a todos respeitar. A principal delas é a Norma Técnica ABNT-NBR 14937, que orienta para a produção de sacolas mais resistentes e que tem como guia, hoje, no Brasil, o Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacola Plástica, já em plena execução em alguns Estados brasileiros, dentre eles, Goiás. Ou seja: investir na qualidade do produto é um processo que envolve a indústria, o varejo e a população na questão da melhoria na qualidade das sacolas e nas boas práticas de uso e descarte dessas embalagens. Esse é o compromisso de todos – porque o plástico é útil em todos os sentidos e indispensável na nossa vida cotidiana. Resta apenas fazer bom uso dele, e dar o destino adequado aos seus resíduos.

SILVIA ALMEIDA
São Paulo, Brasil

NÓS ACREDITAMOS QUE, AO APOIAR UNS AOS OUTROS EM TUDO O QUE FAZEMOS, PODEMOS SUPERAR QUALQUER OBSTÁCULO.

É POR ISSO QUE O GRUPO ANGLO AMERICAN TEM O MAIOR PROGRAMA DE TRATAMENTO PARA EMPREGADOS PORTADORES DE HIV/AIDS DO MUNDO. HOJE, O PROGRAMA TAMBÉM OFERECE TRATAMENTO GRATUITO A TODOS OS DEPENDENTES DE NOSSOS EMPREGADOS PORTADORES DE HIV/AIDS. NO BRASIL, PESSOAS COMO SILVIA TÊM SIDO UMA INSPIRAÇÃO PARA TODOS, USANDO SUA VIVÊNCIA PARA AJUDAR A IMPLEMENTAR NOSSOS PROGRAMAS PELO PAÍS.

ELA REPRESENTA UM DOS MAIS IMPORTANTES OBJETIVOS QUE ESTABELECEMOS PARA NÓS MESMOS: LIDERAR SENDO UM EXEMPLO INCRÍVEL.

SAIBA MAIS NO HISTORIACOMPLETA.COM.BR

SILVIA É UM EXEMPLO DO ESPÍRITO E CORAGEM QUE AS PESSOAS MOSTRAM NA MINERAÇÃO TODOS OS DIAS. ELA É PORTADORA DO VÍRUS HIV

AngloAmerican

Mineração e pessoas que fazem a diferença.

OgilvyOne

Alimentação + saudável = Equipe + motivada

Sodexo é mais benefícios para sua empresa e mais qualidade de vida para sua equipe.

+ Aumento da produtividade da sua equipe em **46%***
+ Atração e retenção de talentos em **50%***
+ Melhora dos índices de engajamento em **60%***
+ Até **4% de redução** do Imposto de Renda*
+ **Isenção** de encargos sociais**

Faça parte você também da Sodexo.
Com **Refeição Pass** e **Alimentação Pass** você, ao mesmo tempo, motiva seus colaboradores e faz um excelente negócio.

A Sodexo tem soluções de acordo com as suas necessidades.

Ligue para a Central de Negócios Sodexo:

4004 4946
Capitais e regiões metropolitanas

0800 727 22 33
Demais localidades

Se preferir, acesse **www.solicitesodexo.com.br**

sodexo
Soluções para Qualidade de Vida

*Fonte: Buck Consultants - Global Wellness Survey 2009. **Para as empresas sujeitas a apuração pelo lucro real.